

A SOCIEDADE EM DESTAQUE

Aparecida Vaz da Silva Bahls

JAZZ

12

ANNO I

Coritiba, 12 de Outubro de 1907

NUM. 13



ELLE—Porqu
assistir o
listas?

ELLA—Por
JOGO é co
hybano !...

A sociedade em destaque*

A primeira metade do século XX, em Curitiba, foi profícua na produção de charges e caricaturas satirizando acontecimentos do cotidiano local e nacional. Publicadas em revistas de humor, elas expressam a percepção do artista que as elaborou, atento ao que se passava na sociedade, agindo como porta-voz da população.

O Olho da Rua, que circulou entre 1907 e 1911, representa um desses periódicos. Procurando estabelecer um jogo de palavras e de imagens, como indica o título da revista, ela se propunha a trabalhar com questões que dominavam o espaço público, como a marginalidade, a corrupção e as contradições sociais.⁴¹

Lançada em 1913, único ano de seu funcionamento, *A Bomba* é outra revista que sobressai na produção caricatural curitibana. Com uma qualidade gráfica superior à de *O Olho da Rua*, e imagens mais refinadas, *A Bomba* também privilegiava a reflexão sobre a vida cidadina.

A análise desse conteúdo imagético conduziu à seleção dos principais temas abordados nas coleções das revistas pesquisadas, inseridos no contexto histórico da época. São eles: anticlericalismo, modernidade, infra-estrutura urbana, política, mulher e cenas do cotidiano. Os desenhos foram criados por artistas como Mário de Barros, Aureliano da Silveira e Euclides Bandeira, habilidosos em associar comicidade às denúncias que faziam sobre os ditames da sociedade.

Examinando revistas dos anos posteriores, confirmou-se a representatividade de Alceu Chichorro dentro dessa mesma linguagem artística. Justifica-se, então, o destaque atribuído ao seu trabalho, em que são recorrentes temas sobre o papel da mulher na sociedade, a Segunda Guerra Mundial e a política do Paraná e do Brasil. Para apresentarmos as imagens satíricas que elaborou, pesquisamos seus desenhos originais, que hoje integram o acervo da Fundação Cultural de Curitiba, abrangendo as décadas de 1930 a 1950, e nas revistas que participou como chargista: *O Jazz*, de 1926, da qual ele também foi editor, e *Correio dos Ferroviários*, de 1934.

* Texto extraído do Boletim Casa Romário Martins – “Factos da actualidade: charges e caricaturas em Curitiba, 1900-1950”, da Fundação Cultural de Curitiba, v.33, n.142, maio 2009, p.46-195. Imagens: Fundação Cultural de Curitiba / Biblioteca Pública do Paraná.

⁴¹ QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. *Olho da Rua: o humor visual em Curitiba (1907-1911)*. Dissertação - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996, p.47.

Corvos, carolas e maçons: anticlericalismo em Curitiba

“O termo anticlerical adjectiva aquele(a) que é contrário(a) ao clero, à clerezia, e não à religião. O anticlericalismo, portanto, não é uma postura atéia diante do cristianismo, mas um posicionamento contrário à influência do clero na vida pública e privada.”⁴² A observação da historiadora Tatiana Dantas Marchette, que analisa o movimento anticlerical, em sua tensão com o grupo eclesiástico, refere-se ao pensamento intelectual difundido, na primeira década do século XX, em Curitiba, e que tinha por objetivo estabelecer oposição à interferência política, moral e social da Igreja, na sociedade laica. Fundamentado na liberdade do indivíduo de agir, julgar e pensar, o movimento repudiava aqueles que aceitavam os dogmas da religião católica, e participavam das “encenações teatrais” como missas e procissões.

Para os integrantes do movimento anticlerical, a intervenção da Igreja na sociedade brasileira era uma ameaça ao desenvolvimento do regime republicano, ao reprimir o poder do Estado sobre a sociedade. Em vista disso, distintas estratégias foram elaboradas pelos anticlericais com o fim de questionar a atuação dos sacerdotes. A escrita representou uma delas, tornando-se um importante instrumento de contestação.

Nesse sentido, a revista *O Cenáculo*, criada em 1895, constitui um dos principais meios de divulgação das idéias anticlericais. Formada por escritores adeptos do movimento simbolista,⁴³ a revista assumiu uma postura nitidamente contrária à ação da Igreja na sociedade. Afora *O Cenáculo*, surgiram outros periódicos, produzidos com esse mesmo fim, como, por exemplo a revista *Electra*, fundada em 1901, pela Liga Anticlerical Paranaense.

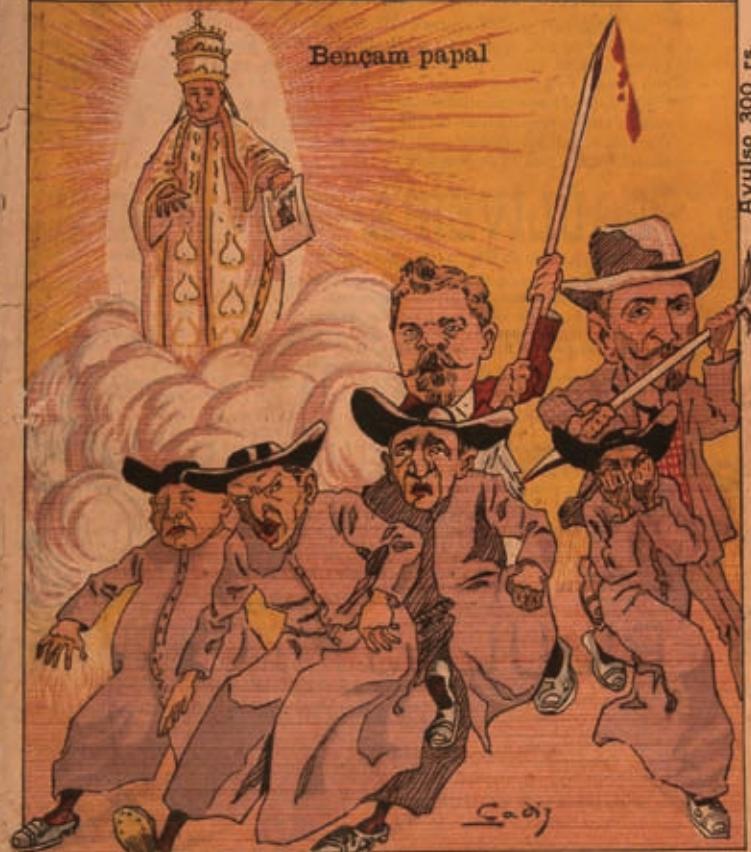
Três anos mais tarde, esse mesmo grupo organizou um congresso maçônico para definir formas de combater a invasão da clerezia. No evento, decidiu-se fazer frente aos padres por meio de conferências e publicações, e pela instrução às mulheres para afastá-las de seu fanatismo religioso. Os anticlericais criticavam a frequência feminina aos espaços eclesiásticos, e a prática da confissão, considerada uma invasão dos padres no ambiente privado dos curitibanos.⁴⁴ As censuras tam-

⁴² MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba, 1896-1912*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1990, p.1.

⁴³ O Simbolismo teve seu apogeu, no Paraná, entre 1893 e 1895. Até então, manifestações de literatos eram isoladas e escassas. Dario Vellozo, João Itiberê da Cunha e Silveira Netto foram os principais expoentes desse movimento, seguidos por Júlio Perneta, Nestor de Castro, Leite Júnior e outros.

⁴⁴ QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. *Olho da Rua: o humor visual em Curitiba (1907-1911)*. Dissertação - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996, p. 121

O OLHO DA RUA



Avulso 300 rs.

“Bençã papal
 E. Bandeira: - Eu mato!
 I. Martins: - Eu esfolo!
 Pio X: - Bendictas almas,
 eu vos absolvo...”

E. BANDEIRA. — Eu mato!
 I. MARTINS. — Eu esfolo!
 PIO X. — Bendictas almas, eu vos absolvo...

Alusão aos ataques anticlericais. Sobressaem Euclides Bandeira e Ismael Martins, que, com suas armas, as penas de tinta, afugentam os sacerdotes. Assistindo à cena, além do plano terreno, o Papa Pio X os absolve. O impacto da perseguição ao clero é percebido pela desarmonia do tamanho dos escritores, ampliados em relação aos padres, que se mostram assustados, e a colocação dos letrados em plano superior.

O Olho da Rua. Curitiba, 12 de outubro de 1907.

bém estendiam-se a outros preceitos religiosos, como o ensino católico nas escolas, o casamento na igreja e a presença de ordens religiosas estrangeiras no Brasil.⁴⁵

Uma das táticas usadas pelo grupo era criticar os eclesiásticos. Alguns deles ficaram populares, em Curitiba, pelos constantes ataques que sofriam dos anticlericais. Dentre eles, citamos o Monseñor Celso, o Bispo D. João Braga e o Padre Alberto Gonçalves. Satirizados sob diferentes formas, eles tornaram-se um dos alvos preferidos dos chargistas da revista *O Olho da Rua*, na qual o anticlericalismo foi tema de destaque.

Fundada pelos escritores Seraphim França, Heitor Valente e Mário de Barros, o periódico destacou-se no meio literário da capital pelas críticas que fazia à sociedade. Muitos de seus colaboradores, sob um ou mais pseudônimos, mostraram-se anticlericais convictos. É o caso de Euclides Bandeira, que teria criado diversos desenhos sobre o tema, utilizando os nomes de HELIO, GIL, GIL PACHOLA, SHOP NHAUER, DIAVOLO, RUY PACHECO.⁴⁶

Outro representativo chargista anticlerical foi Mário de Barros. Dono de um humor sutil e perspicaz, Barros deixava transparecer sua ironia, de distintas maneiras, como em seus pseudônimos. Um de seus preferidos era o SÁ CHRISTÃO. Dentre as questões que ele abordava, sobressaem aquelas relacionadas à “hipocrisia clerical” e ao desrespeito aos dogmas religiosos feito, segundo o desenhista, pelos próprios padres que, girava em torno da contradição entre os ensinamentos cristãos da Igreja e seus comportamentos mundanos. Daí decorre as imagens grotescas e pejorativas associadas a eles: fanfarrões, agressivos, interesseiros, suscetíveis a conchavos políticos e aos prazeres da vida como a gula e a bebida.

Assim como Euclides Bandeira e Mário de Barros, os demais chargistas de *O Olho da Rua* destacaram-se ao focar o anticlericalismo em seus desenhos. Otávio Guimarães (GUIMARÃES) e Darvino Saldanha (K. VUL e K. FESÓRIO) censuravam o clero: pela associação às elites locais; pelo ingresso na política, na qual exerciam os mais variados cargos; pela frequência aos espaços de lazer “mundanos”, como as “mesinhas do Coritibano”⁴⁷, e as diversões dos parques Colyseo⁴⁸ e Éden⁴⁹. Haja vista a repercussão que teve, na imprensa, o comparecimento de um frade francisca-

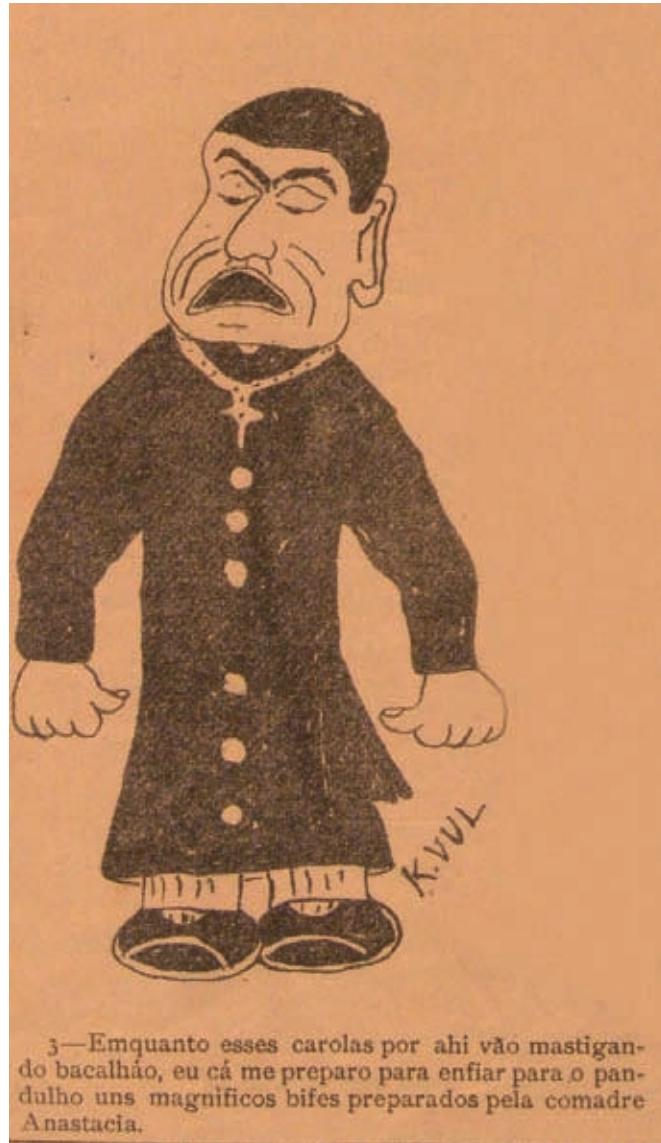
⁴⁵ BALHANA, Carlos. *Combate ao clericalismo no Paraná*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1980, p. 60

⁴⁶ QUELUZ, Op. cit., p.42

⁴⁷ Alusão ao Clube Curitibano, fundado, em 1881, com o objetivo de congregar as famílias curitibanas em torno da preservação de suas tradições. Com o tempo, a associação se consolidou como ponto de encontro da elite da época, promovendo festas e eventos beneficentes.

⁴⁸ Fundado por Francisco Serrador, em 1905, o parque se localizava na antiga Rua Aquidaban, atual Rua Emiliano Pernetá.

⁴⁹ O Parque Éden ficava no mesmo local onde até o ano de 2006 funcionou o Cine Plaza, na Praça Osório.



Para os desenhistas anticlericais, sob a batina e os votos religiosos, escondiam-se os hábitos mundanos do clero.

O Olho da Rua. Curitiba, 14 de março de 1908.

no do jornal alemão *Der Kompass*,⁵⁰ no Parque Éden, para assistir, no cinematógrafo, à exibição de “A confissão”. Um escritor anônimo escreveu no Diário da Tarde, de 18 de julho de 1908:

O referido quadro, cópia fiel da realidade, foi imensamente aplaudido, visto como é uma crítica justa a uma instituição que é um dos grandes desdoiros da igreja católica e que é a origem de incalculáveis desgraças sociais. Entre os assistentes do Éden achava-se disfarçado um dos roliços e vermelhaços frades que redigem o *Der Kompass*, o qual sentiu em cheio a ironia da citada vista. O frade passou uma descompostura à garotada no Eden, qualificando a vista “A Confissão” de imoral.⁵¹

Emílio Heins, o frade em questão, não se intimidou ante a crítica do *Diário da Tarde*, e publicou, nesse mesmo jornal, uma réplica, em que criticava o autor do texto em esconder-se sob o véu da clandestinidade, e pelos termos pejorativos com que se referiu a ele.⁵²

De fato, a nomeação depreciativa dos membros eclesiásticos representou uma maneira encontrada pelos anticlericais para manifestar seu desagrado para com as ações do clero curitibano. Os sacerdotes, devido a suas vestes negras, eram comumente identificados com animais símbolos de morte, como corvos ou urubus, os chapéus lembrando grandes asas, ou ainda ratos de sacristia e aves de rapina. Para desenhistas e escritores, por detrás da batina e dos votos religiosos, escondiam-se as verdadeiras intenções dos padres, relacionadas aos benefícios materiais advindos com a posição que a Igreja ocupava na sociedade.

Diante dos ataques dos escritores, o clero reagia, desmerecendo suas investidas e ressaltando que, não obstante as “calúnias” proferidas contra o sacerdócio, nos jornais e nos livros anticlericais, os templos permaneciam lotados.⁵³ Para os padres, a ameaça à sociedade estaria na veiculação de teorias subversivas, na imprensa desenfreada que valorizava somente seus interesses, no ensino dos céticos que punham tudo em dúvida, entregando o homem às incertezas da vida. Como ressaltava Tatiana Marchette, para os religiosos, não somente a imprensa anticlerical seria responsável pela laicização da sociedade curitibana, mas também “todo o universo cultural que rodeia o homem moderno, e que torna como sagrados outros ideais vindos dos romances, das teorias científicas e

⁵⁰ Jornal da congregação franciscana da igreja do Bom Jesus.

⁵¹ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 18 jul. 1908, p.2.

⁵² DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 20 jul. 1908, p.2.

⁵³ EXPERIMENTEM outras armas. In: Estrella, n.163, p.1. *apud* Marchette, p. 34.



Na literatura anticlerical, a confissão significava a invasão da intimidade da família, considerada templo sagrado. No lar, deveria acontecer a transmissão dos valores morais e cívicos, como o respeito à pátria republicana e laica.

O Olho da Rua. Curitiba, 30 de maio de 1908.

econômicas. Essa “cultura degradante” estimularia a ação de questionar, de duvidar das leis divinas, e colocaria a liberdade e o pensamento individual e autônomo como bens supremos”.⁵⁴

Dessa forma, os intelectuais eram considerados agentes desviantes, promovendo a anarquia, substituindo idéias sagradas pelas científicas, como a criação divina da humanidade pela teoria evolucionista da biologia.

A união dos anticlericais à maçonaria, ordem cujos membros participavam de diversos movimentos revolucionários, também concorria para que os religiosos depreciassem os desafetos locais, referindo-se aos “ritos grotescos” e aos “antros perigosos”, freqüentados por eles. Entretanto, para adeptos desse grupo, como Dario Vellozo e Euclides Bandeira, ser maçom significava defender as idéias liberais, combatendo aqueles que atrapalhavam o progresso e a liberdade de consciência, como, na opinião deles, a clerezia.

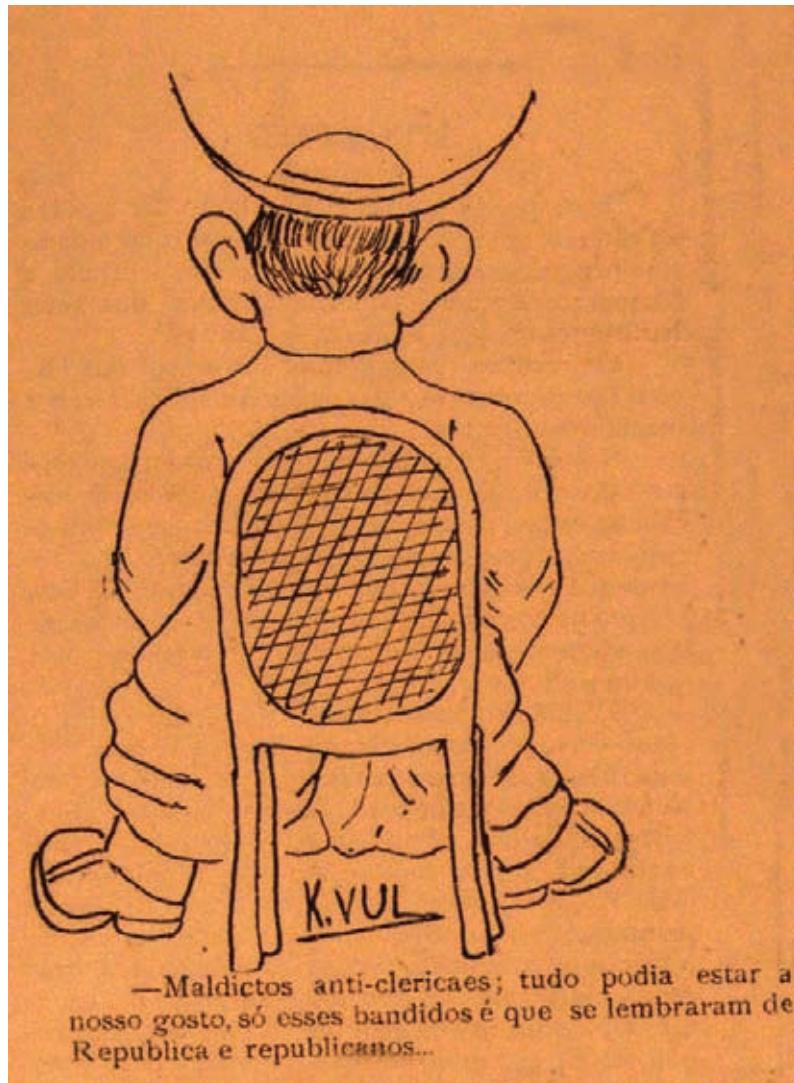
Para repelir as “blasfêmias” e as “calúnias” contra a religião, a Igreja fundou o periódico *A Estrella*. Segundo esse periódico, os anticlericais confundiam a população ao citarem termos e expressões ligadas aos eclesiásticos de outras épocas, como ao denominarem de “jesuítas” membros de outras congregações religiosas. Além do que, eles estariam renegando os favores que, havia mais de meio século, a Igreja vinha realizando para a educação do país.⁵⁵

Não obstante os esforços dos anticlericais em tentar diminuir o poder dos religiosos na sociedade, o movimento esvaziou-se com o fortalecimento da Igreja Católica durante o início da República. No entanto, seus pensamentos e suas ações permanecem registrados nas obras que produziram. A revista *O Olho da Rua* se constitui em uma delas. Ademais, as charges também desempenharam importante função na divulgação dessas idéias, simplificando a linguagem anticlerical que, até então, se baseava no uso de símbolos maçônicos, como o compasso, o esquadro e a acácia,⁵⁶ pouco compreensíveis para a maioria da população.

⁵⁴ MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba, 1896-1912*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1990, p.39.

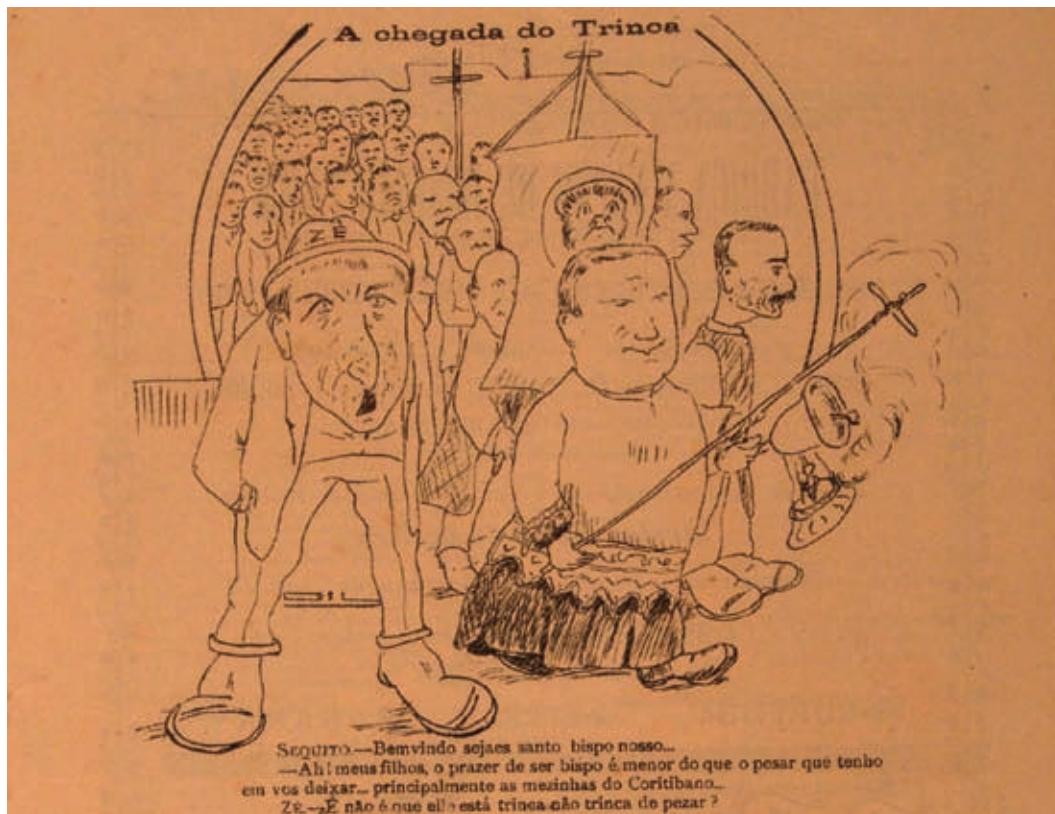
⁵⁵ BALHANA, Carlos. *Combate ao clericalismo no Paraná*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1980, p. 66

⁵⁶ Na leitura maçônica, o compasso representa um símbolo do espírito e do pensamento, e o esquadro resulta da união da linha vertical com a linha horizontal. Símbolo da retidão e também da ação do homem sobre a matéria e sobre si mesmo. Significa que devemos regular a nossa conduta e as nossas ações pela linha e pela régua maçônica, pelo temor a Deus, a quem temos de prestar contas das nossas ações, palavras e pensamentos. Emite a idéia inflexível da imparcialidade e precisão de caráter. Simboliza a moralidade. Acácia: a planta símbolo por excelência da Maçonaria; representa a segurança, a clareza e também a inocência ou pureza.



O clero era representado por expressões agressivas. Note-se a posição do religioso, de costas para o observador, como se quisesse esconder suas reais intenções, e o desenho do chapéu, assemelhando-se a chifres.

O Olho da Rua. Curitiba, 22 de agosto de 1908.



“A chegada do Trinca

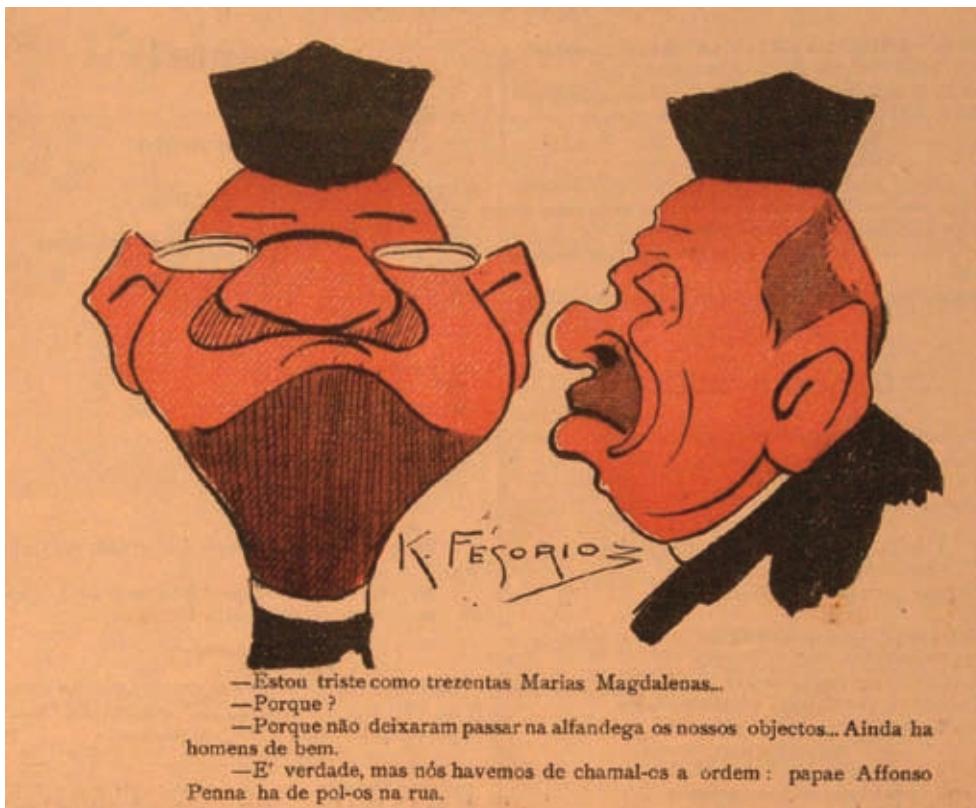
SEQUITO – Bemvindo sejaes santo bispo nosso...

- Ah! Meus filhoa, o prazer de ser bispo é menor do que o pesar que tenho em vos deixar...principalmente as mezinhas do Coritibano...

ZÉ – E não é que elle está trinca não trinca de pesar?”

Trinca era o apelido dado ao Padre Alberto José Gonçalves. Em 1908, ele foi nomeado bispo de Ribeirão Preto. Na sátira acima, vê-se o religioso acompanhado por uma procissão, e já saudoso das “mezinhas do Coritibano”, uma crítica aos costumes do clero, freqüentar locais públicos, como os salões do Clube Curitibano. Note-se, à esquerda, o personagem Zé, com o qual o povo era identificado.

O Olho da Rua. Curitiba, 22 de agosto de 1908.



A associação da Igreja com a política e a má conduta do clero é induzida nos diálogos redigidos pelos anticlericais, que procuravam salientar os conchavos que os padres teriam com os parlamentares, e as atividades ilícitas que teriam praticado. A referência ao “papai” Afonso Pena indica uma suposta proteção da Igreja pelo governo federal.

O Olho da Rua. Curitiba, 22 de agosto de 1908.

Der Kompass

(Organ puro sangue fradesco)



—Com passo de jesuita vou avançando na consciencia dos beócios.

Sátira ao jornal Der Kompass, periódico em língua alemã editado pelos frades franciscanos do Colégio Bom Jesus. Nela, percebemos a duplicidade de sentido nas palavras e nas imagens. O frade se assemelha ao compasso, provavelmente referência ao nome do jornal, que caminha em direção às “consciências dos beócios”, termo pejorativo que significa espírito pouco cultivado, ignorante.

O Olho da Rua. Curitiba, 22 de agosto de 1908.



Crítica de Mário de Barros aos discursos proferidos pelo clero, aqui representado pela figura de Monsenhor Celso.

O Olho da Rua. Curitiba, 31 de outubro de 1908.



“Leio na palma de minha mão que este anno para o clero vae ser um anno venturoso em que havemos de passar pizando em rosas, bebendo e comendo bem (como aconteceu em todos que passaram).”

A caracterização dos religiosos remete a um estereótipo: gordos, fanfarrões, maliciosos, interesseiros e bebedores.

O Olho da Rua. Curitiba, 1º de janeiro de 1909.



“Conego Braga – o se é sujeito ou não é sujeito??

Ora bolas! Sujeito é o bispo Trinca!”

A alusão às suscetibilidades dos padres aos “prazeres terrenos”, presente neste desenho. Nele, o Cônego D. João Braga fuma e conjectura sobre a importância do bispo Trinca (Padre Alberto Gonçalves).

O Olho da Rua. Curitiba, 1º de janeiro de 1909.



O clero, representado como aves agourentas, também era satirizado pelo uso da força física e da agressividade. Na charge, os padres, com suas maletas, voam em direção ao Monsenhor Alberto, bispo Trinca, que, à beira de um abismo, os orienta. A referência aos muques sagrados é uma alusão à sua sagração como bispo de Ribeirão Preto.

O Olho da Rua. Curitiba, 6 de fevereiro de 1909.

A Belle Époque de Curitiba

O final do século XIX e o início do XX, no Brasil, representam um período de inovações, de alterações de comportamento, de desenvolvimento urbano, de difusão de novas idéias sobre a sociedade. Esses pensamentos expressavam o que acontecia no país e no mundo, principalmente no continente europeu. O progresso era considerado essencial para o bem da nação. Por meio dele, ocorreria a evolução do homem e da sociedade, de acordo com os padrões descobertos pela ciência.⁵⁷ O grande símbolo dessa conjuntura é a *Belle Époque*, momento em que o meio urbano passou por grandes mudanças a ponto de seus habitantes serem tomados por um sentimento de modernidade.⁵⁸ Na opinião do historiador Elias Thomé Saliba, uma “atmosfera ansiosa por cosmopolitismo, gerada no Rio de Janeiro, autêntica capital do Brasil na *Belle Époque*, percorre o país, num desejo sôfrego da europeização e da modernização”⁵⁹.

Embora, nesse contexto, Curitiba se apresentasse pouco desenvolvida em relação às principais capitais brasileiras, seu espaço urbano também foi alvo de intervenções que modificaram sua paisagem e o modo de vida de seus habitantes. Envolvidos em um clima de euforia, eles almejavam que a cidade alcançasse um nível de civilidade similar ao do Rio de Janeiro, então sede do governo federal e modelo de crescimento para o restante do país.

Nesse sentido, os administradores e os técnicos das cidades tornaram-se importantes agentes de transformações, ao elaborarem planos de ordenamento e embelezamento urbanos. No caso de Curitiba, o engenheiro Cândido Ferreira de Abreu, prefeito de 1913 a 1916, realizou intensas melhorias na capital, pavimentando ruas e ajardinando e aformoseando praças, atribuindo nova configuração à urbe.

⁵⁷ BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

⁵⁸ O significado de modernidade é tratado por diversos estudiosos do tema. Walter Benjamin conjectura sobre as inquietações e profundas mudanças sofridas no mundo ocidental desde o final do século XIX. Para Marshall Berman, a modernidade é um ato de destruição, no qual uma realidade é substituída por outra. Para ele, a justificativa de construir para o futuro mascararia a destruição permanente do presente. Francisco Foot Hardman analisa a modernidade como criadora de falsas aparências, em que as obras são feitas, não por necessidade, mas por um poder sem regras e conhecimento.

⁵⁹ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3, p.292.

Sobre essas modificações espaciais, a arquitetura representou uma das principais expressões da modernidade que se pretendia imprimir em Curitiba, que, desde a emancipação da Província, em 1853, lutava para afirmar-se como capital do Paraná. Sob esse olhar, podemos entender o significado da substituição do antigo casario colonial por construções requintadas e altivas, símbolos de prosperidade.

A imprensa acompanhava esse processo de construção e de desconstrução que marcou o espaço citadino. Ela também se constituía em um importante aliado da administração pública, ao projetar o ideal progressista para a população: “São diariamente demolidas as construções antigas que são substituídas por prédios colossais, com ricas e maravilhosas arquiteturas, notando-se desde já, várias ruas e edifícios dignos de admiração, pelo moderno e deslumbrante aspecto que representam”.⁶⁰

Assim como aconteceu na arquitetura, os habitantes da capital passaram a se deparar cada vez mais com outras novidades introduzidas em Curitiba: luz elétrica, bondes elétricos, automóveis, calçamento de ruas e rebuscadas fachadas do casario. A nova Curitiba, que surgia, tinha novos hábitos, acesso a outros tipos de lazer e às inovações mecânicas que proliferavam, causando sentimentos mistos de admiração e de receio ante o desconhecido. Os registros cômicos e satíricos das charges podem ser considerados porta-vozes dessas inquietações.

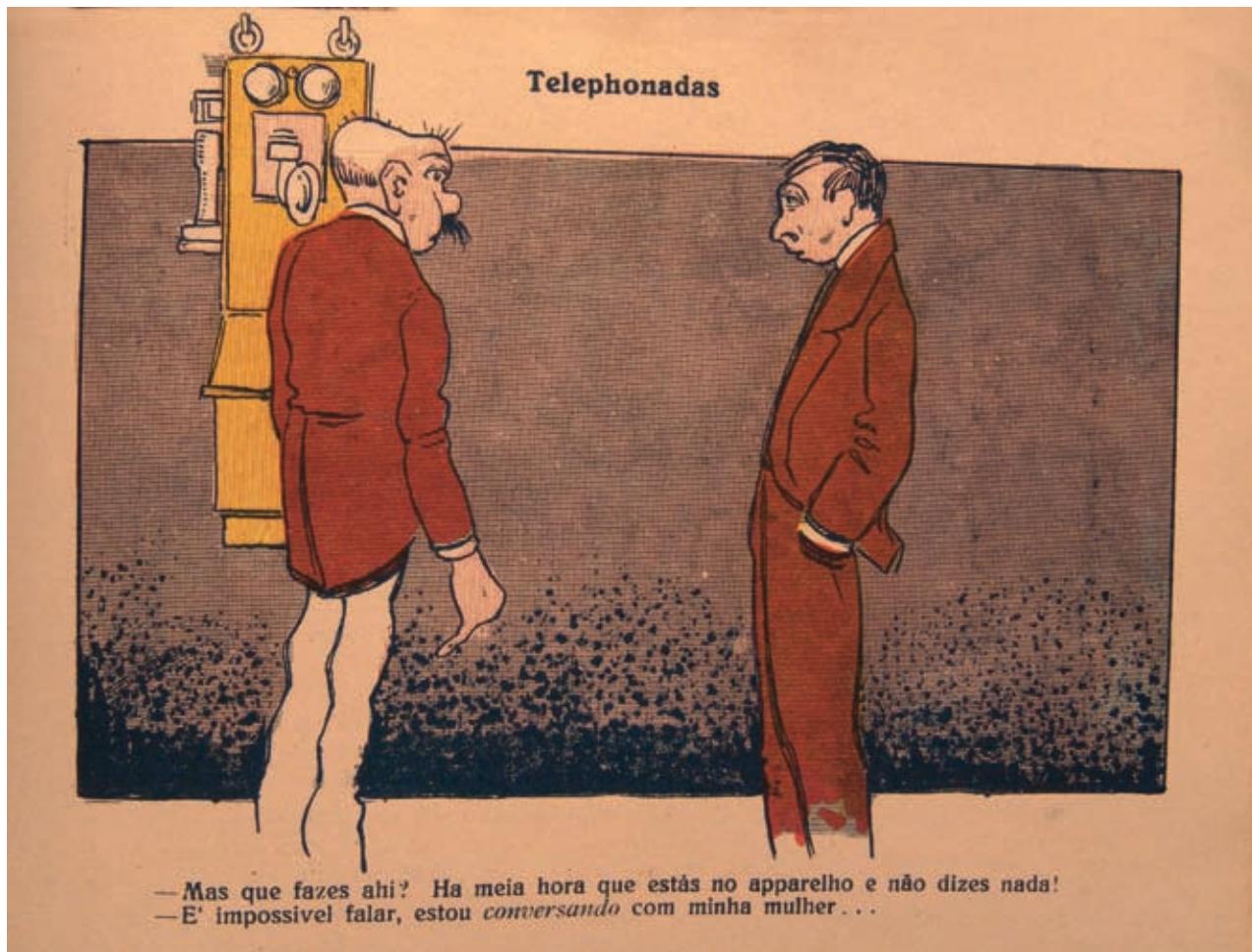
As revistas estampavam propagandas ilustradas, apresentando as novidades tecnológicas que estavam à disposição no comércio. A Casa das Novidades, localizada na Rua 15 de Novembro, expôs, em 1907, uma das sensações da época: um gramofone.⁶¹

Outro grande símbolo do avanço técnico da cidade era o cinematógrafo. Instalado em espaços de entretenimento, atraía grande público, ansioso em apreciar as imagens em movimento que o aparelho exibia. O primeiro cinematógrafo de Curitiba foi instalado, em 1905, no Parque Coliseu.

Nos anos que se seguiram, há referências sobre outros cinematógrafos, como o do Parque Éden, nas imediações da Praça General Osório, além dos localizados na Rua 15 de Novembro – Cines Smart, América, Glória, Palácio, Avenida, Arlequim.

⁶⁰ A REPÚBLICA. Curitiba, 23 jun. 1913, p.1.

⁶¹ Flora Sussekind, em “O cinematógrafo de letras”, relata que o aparecimento do gramofone, no Brasil, aconteceu em 1904, quando, contraditoriamente, chamava a atenção não somente pelo som que produzia, mas pelas conseqüências que a mecanização do som acarretaria às interpretações musicais.



O monopólio da mulher sobre o telefone era objeto de indagações dos escritores das primeiras décadas do século XX. Ironicamente, os homens questionavam se seria pela sua personalidade bisbilhoteira e tagarela. O telefone também pode ser visto como um meio de ligação entre o espaço público e o privado. A charge ainda ironiza o casamento, destacando a submissão do marido que espera, calado, a esposa concluir sua fala, numa inversão de papéis.

A Bomba. Curitiba, 10 de dezembro de 1913.

Esnobes, elegantes, “smarts” – homens e mulheres caprichosamente trajados passavam a conviver em um novo espaço de intimidade, o das salas escuras de cinema. Beijos e beliscões, trocados na platéia, significavam um desafio à moral e aos bons costumes.

Para ilustrar este hábito ousado desenvolvido nas sociedades conservadoras das primeiras décadas do século XX, o historiador Saliba cita um trecho da crônica do escritor Sylvio Floreal: “A bolina no cinema nasceu naturalmente, devido à penumbra e aos beijos delirantes que dão na tela as “estrelas” e os canastrões da arte do gesto lento. O espectador casquilha, dotado de safardanices, vai ao cinema e desenvolve uma piratagem digitalica, sem dó nem piedade, sobre certas fulanas do sexo mole, muito amigas de tais massagens feitas no escuro.”⁶² Resguardando-se as alusões depreciativas sobre as mulheres no cinema, o texto de Floreal exemplifica as novas possibilidades de aproximação entre o espaço público e o privado, que o hábito de ir ao cinema proporcionava.

Da mesma maneira, percebemos as alterações de comportamento nas ruas. Para a historiadora Marilda Queluz, os novos elementos que se integravam à sociedade contribuíram para modificar a percepção que a população tinha do espaço urbano. Aglomerações nas calçadas, sons pouco conhecidos executados pelo gramofone, o costume de se falar ao telefone, aumento da circulação de veículos nas vias de trânsito certamente causavam estranheza aos curitibanos do início do século XX. Daí talvez decorrerem as críticas a essa modernização urbana, expressas em jornais e revistas. Concorrendo com os artigos efusivos exaltando a Curitiba progressista, as charges retratam o assombro e a tentativa de adaptação da população aos novos tempos.

O raciocínio de Queluz vai de encontro ao de Saliba, quando este comenta a inquietude dos cronistas do período, perante a velocidade e a caducidade das coisas nas cidades brasileiras. Segundo ele, essa aceleração da sociedade proporcionou “uma experiência coletiva de encurtamento de duração que ampliou de forma redobrada a mobilidade, o consumo e o intercâmbio pessoal, forjando possibilidades ou tornando mais difusas as fronteiras do público e do privado”.⁶³

A diminuição do tempo a que o autor se refere pode ser avaliada pelo transporte urbano, que facilitou o trânsito e encurtou as viagens. Lugares de passagem entre o espaço privado e o público, o bonde e o automóvel marcaram muitas representações visuais, a maioria humorística.

⁶² FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite*. p.125-126. *apud* SALIBA, p.331.

⁶³ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3, p.329.

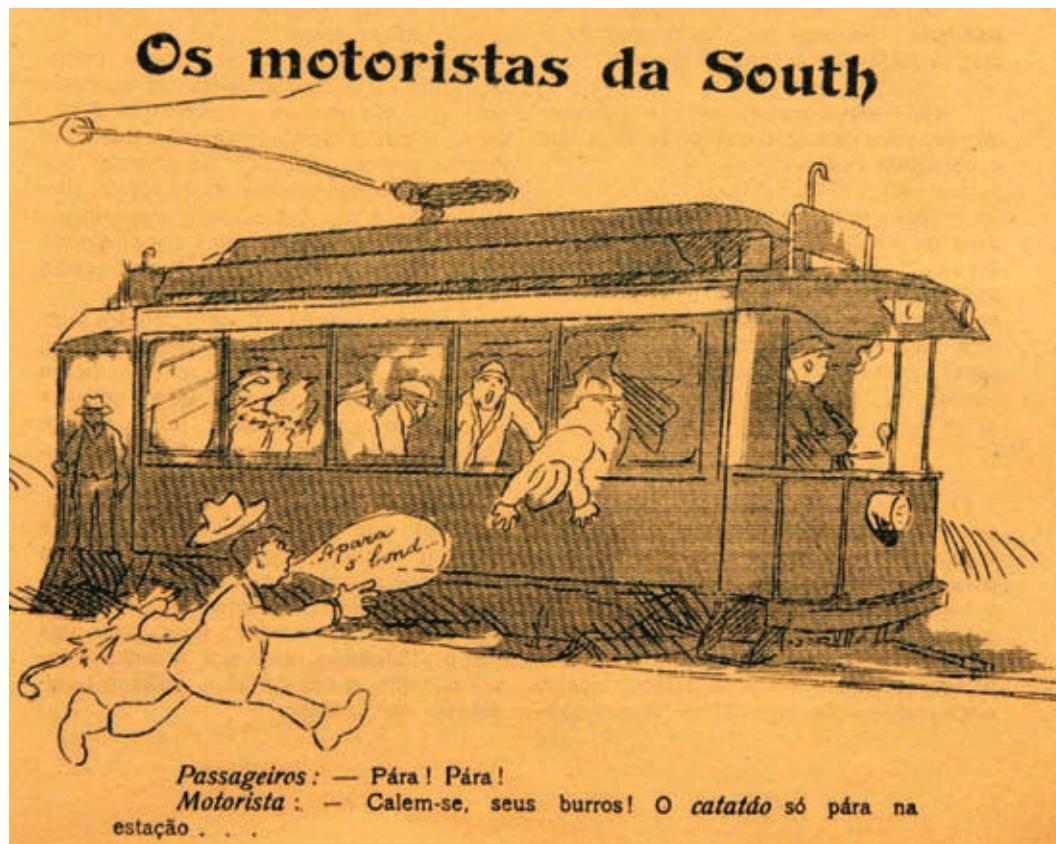


—Veja que desafôro! Um atrevido deu-me um beijo no cinema . . .
—Como ?
—No escuro . . .
—Logo vi.

Sátira às “bolinações” que ocorriam nas salas escuras dos cinemas.

A Bomba. Curitiba, 30 de julho de 1913.

Em Curitiba, uma das representações refere-se à empresa inglesa The South Brazilian Raylways Company Limited, contratada pela Prefeitura, em 1912, para a instalação dos bondes elétricos. Menções à inexperiência dos motoristas da empresa e às más condições de transporte dos passageiros fazem parte do rol de temas abordados pelos chargistas.



A velocidade dos bondes elétricos e a falta de habilidade dos condutores eram ironizadas pelos chargistas.

A Bomba. Curitiba, 21 de junho de 1913.

Não obstante as peripécias dos usuários dos bondes terem sido satirizadas em charges e caricaturas, são os desenhos alusivos ao uso do automóvel que atraem a atenção. A beleza do traçado e a comicidade em torno da máquina, na revista *A Bomba*, expressam a simbologia que girava em torno do automóvel. Recheada de imagens em que o auto aparece como transporte elitizado da época, percebemos que ele está associado ao prazer e ao status de seu proprietário. Em contraponto, os chargistas desdenham do despreparo dos *chauffers* em conduzir essas máquinas. Acidentes envolvendo o auto, atropelamentos e colisões denunciavam a inaptidão dos condutores dos veículos.

Estranhamento, embaralhamento de espaços, receio do desconhecido – a urbanização das cidades, sem dúvida, influenciou tal processo nas sociedades que tiveram que conviver com os artefatos da modernidade. Nesse sentido, o humor e a sátira aos novos problemas que surgiam eram utilizados para atenuar e facilitar o acesso dos habitantes ao mundo moderno que começava a se apresentar.



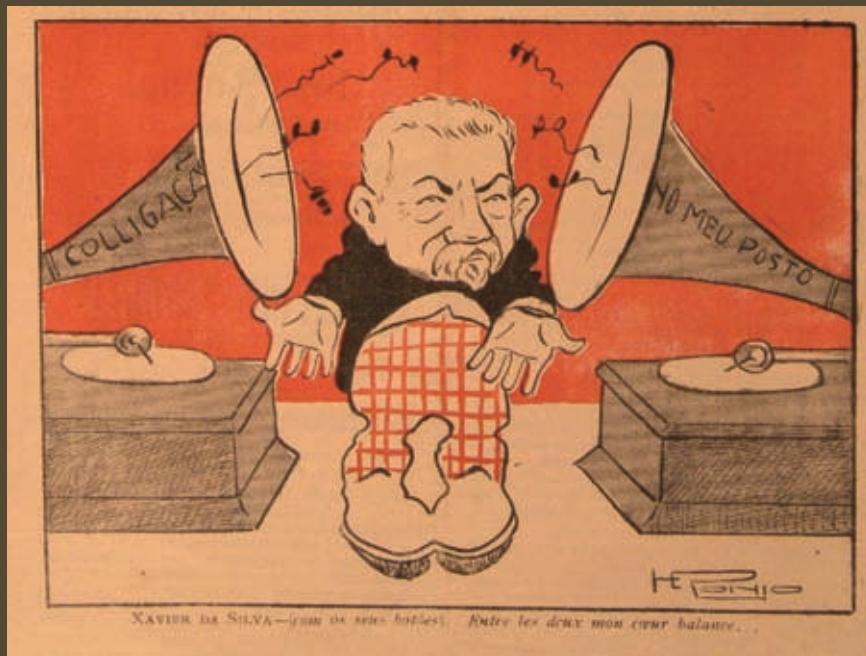
Alusão à adaptação da sociedade às inovações tecnológicas, e sátira ao alcance do telefone.
A Bomba. Curitiba, 10 de dezembro de 1913.

Na Universidade
(Exame de direito penal)

- 
- Qual o mais terrível dos instrumentos de supplicio?
 - A guilhotina.
 - Mais terrível ainda que a guilhotina?
 - O grammophone.

A sonoridade do gramofone provocava imprecações de repúdio.

A Bomba. Curitiba, 30 de novembro de 1913.



“– XAVIER DA SILVA – (com os seus botões) *Entre les deux mon coeur balance.*”

Entre os dois meu coração balança. Associação entre a modernidade e os acontecimentos políticos locais. Aparece o então senador paranaense Francisco Xavier da Silva, conjecturando entre manter-se no cargo ou participar da Coligação Republicana do Paraná, que pretendia afastar o presidente do Estado, recém-eleito, João Cândido Ferreira.

A Bomba. Curitiba, 22 de agosto de 1913.



“O Mucio de Abreu ensajando-se para a instalação do Smart-Club.”

A frequência aos espaços de diversão da sociedade requeria um traje apurado: chapéu, paletó e gravata consistiam acessórios imprescindíveis para os homens.

O Olho da Rua. Curitiba, 6 de fevereiro de 1909.



“– O “Diário” reclama contra a venda do amendoim no interior do teatro Guayra. Realmente que juízo fazem dos senhores espectadores...”

Sátira aos padrões de comportamento impostos à sociedade: o jornal Diário da Tarde critica a venda de alimentos no interior do antigo Teatro Guaíra, que funcionava na Rua Dr. Muricy.

O Olho da Rua. Curitiba, 6 de março de 1909.

A saída do Mignon



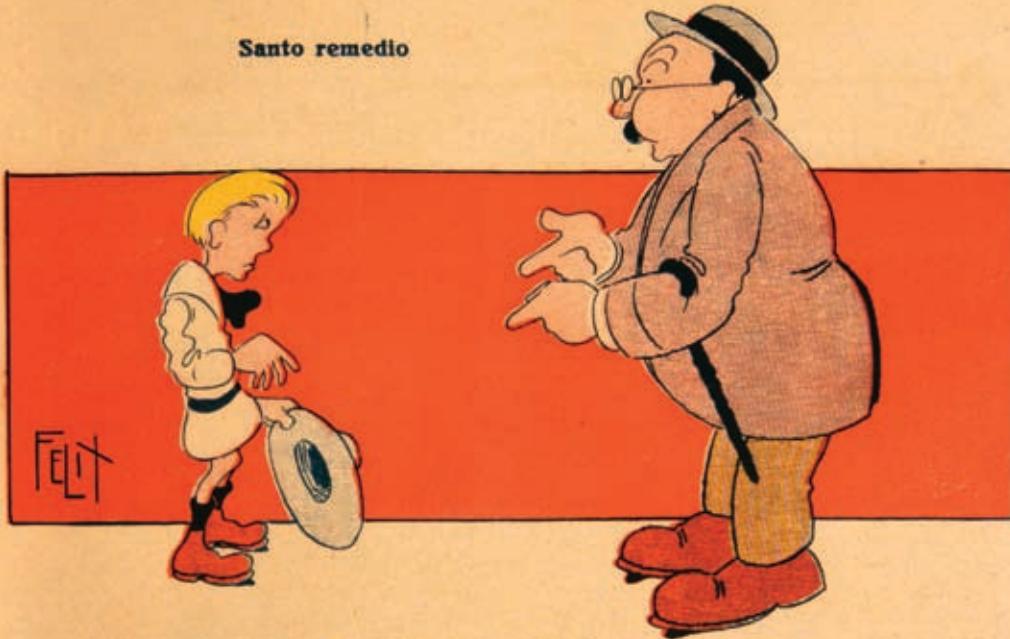
-- De que artista você gostou mais, Arthursinho?
-- Eu? Daquella que tem perna grossa . . .

O Cine-Teatro Mignon funcionava na Rua 15 de Novembro. Na charge, destaca-se o público masculino, que comparecia ao local para apreciar o sexo oposto.
A Bomba. Curitiba, 20 de agosto de 1913.



Outra charge sobre o Mignon, destacando o público masculino.
A sátira às sogras já fazia parte do repertório de anedotas.
A Bomba. Curitiba, 30 de novembro de 1913.

Santo remedio



- Como vae seu pae ? Sempre paralytico ?
- Não senhor.
- Ah! já sarou...
- Sim senhor, um automovel cortou-lhe as pernas.

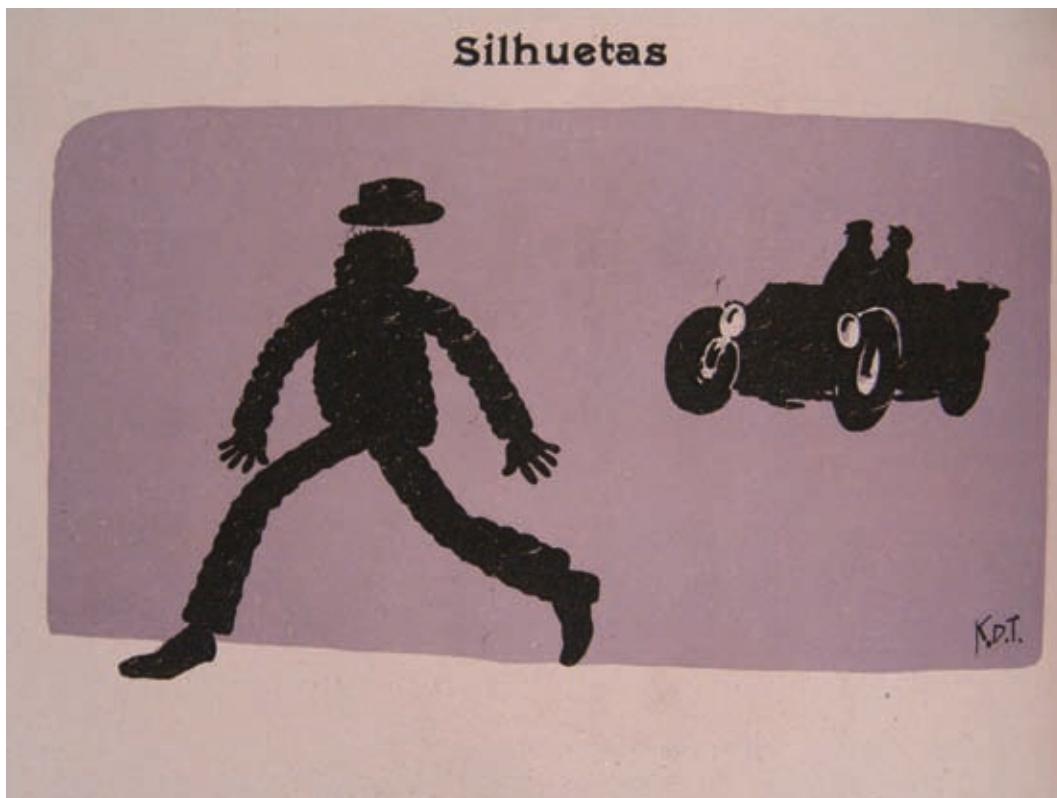
A comicidade envolvendo os “perigos” do automóvel está presente em diversas charges, bem como boa dose de humor negro.

A Bomba. Curitiba, 10 de julho de 1913.

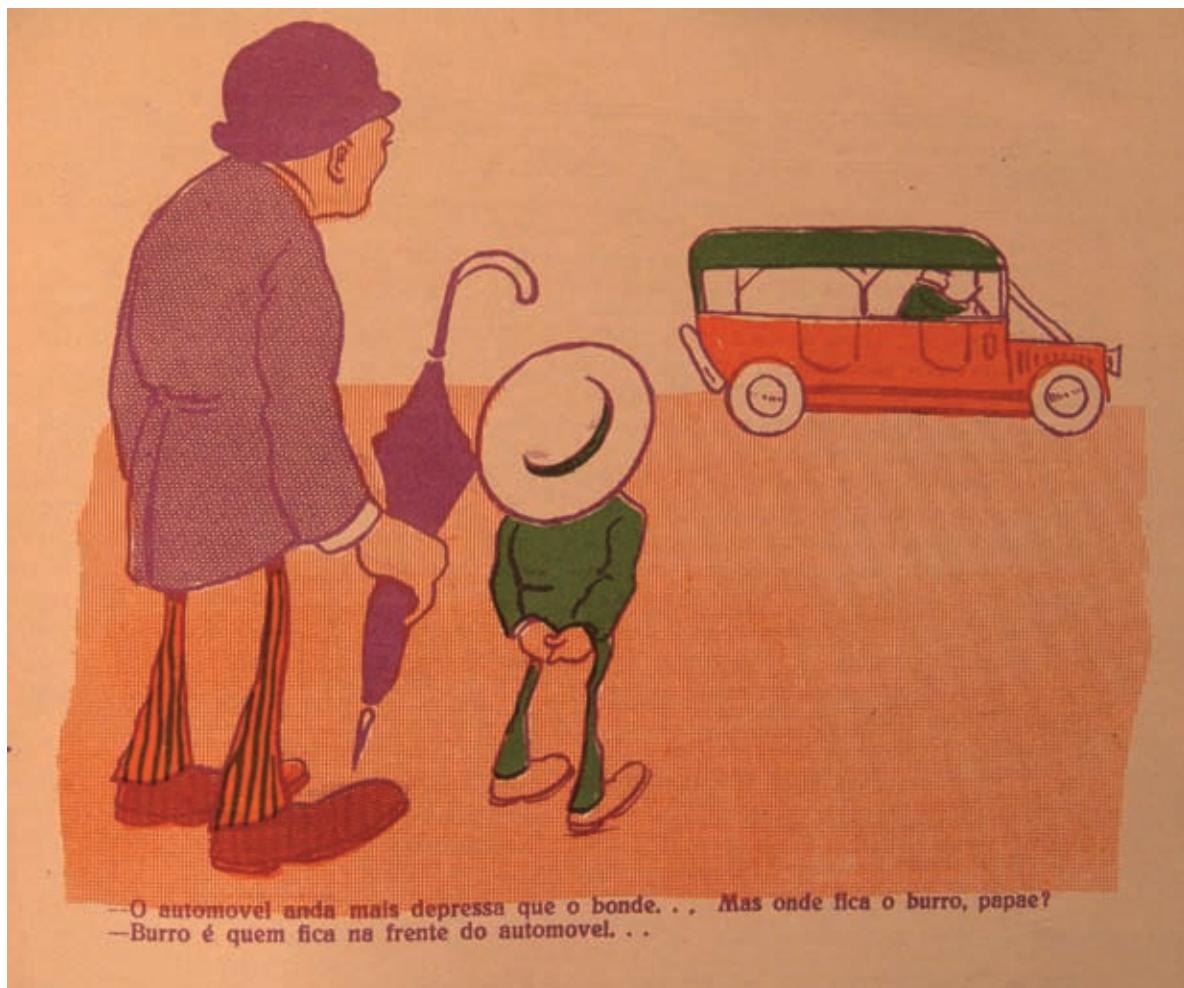
Exame de chauffeur



Silhuetas

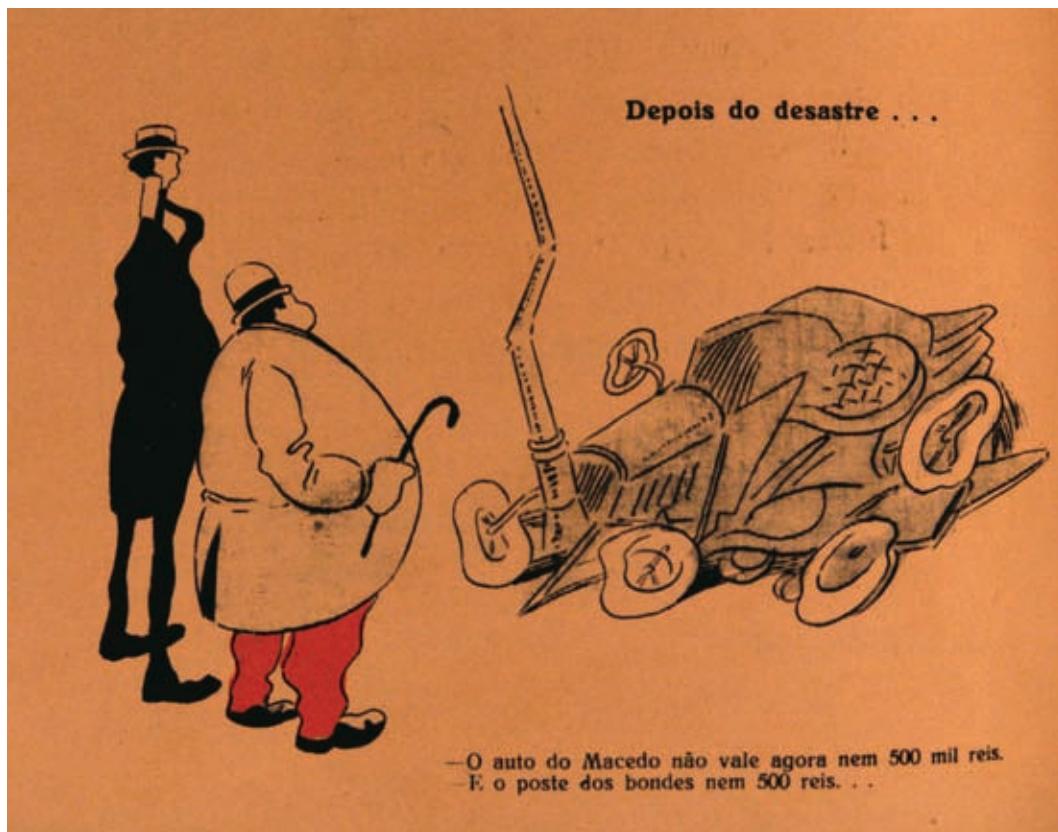


A Bomba. Curitiba, 20 de setembro de 1913.





Outra charge em que o humor negro está presente, destacando os motoristas de automóvel como assassinos e negligentes.
A Bomba. Curitiba, 30 de novembro de 1913.



Ao destacar os freqüentes acidentes que envolviam os automóveis, a charge sugere a inaptidão dos motoristas para conduzir a máquina. A Bomba, 20 de julho de 1913.

Na página seguinte, complemento da charge anterior, que relata um acidente de automóvel, ocorrido em frente ao Palácio do Governo, na Rua Barão do Rio Branco. O Carlos a que se refere o texto é Carlos Cavalcanti, então Presidente do Estado. A ironia é percebida na expressão “caipora”, que significa pessoa azarada, provavelmente aludindo a problemas que o político estaria tendo em sua administração.

A Bomba. Curitiba, 20 de julho de 1913.



- Sabes em que ponto se deu o desastre do auto do Macedo?
—?
—Bem de frente ao palacio . . . Até nisso o Carlos é caipora.
—Já é azar. . .



“O subterfúgio do prompto

– Então estás disposto a me levar ao Portão de automovel?

– Estou *prompto* mas aquelle chauffeur já matou cinco pessoas e esborrachou tres automoveis...”

Charge em que se evidenciam as mudanças de comportamento da população: a proximidade entre os sexos, favorecida pelo uso do automóvel; o acesso a novos espaços de lazer, no caso deste desenho, ao Mignon; o status social causado pelo automóvel, quando a moça sugere que o rapaz a leve até o bairro Portão, e a desculpa do mesmo, alegando que o *chauffeur* era mau motorista.

A Bomba, 20 de agosto de 1913.

Os milagres do automovel



—Tua mãe é que é o diabo, minha flor, não sympathisa commigo . . . Como ha de deixar que nos casemos ?

—O sr. nos convida para passear de automovel que ella deixa.

A simbologia de poder e status social em torno do automóvel era capaz de causar "milagres".

A Bomba, 30 de julho de 1913.

Progresso x serviços urbanos: o difícil convívio

“Curitiba se moderniza!!” A premissa que norteava os discursos de intelectuais e do poder público, dos primeiros decênios do século XX, era propagada aos quatro ventos pela imprensa local. *A República*, de 23 de junho de 1913, anunciava os trabalhos da Companhia de Melhoramentos, na capital. Encarregada de reformar e embelezar a cidade, então administrada pelo engenheiro Cândido Ferreira de Abreu, a Companhia foi organizada seguindo os moldes da Companhia Paulista de Melhoramentos:

Curitiba está sendo poucamente exalcerada da sua monotonia. Não só as competentes autoridades como as poderosas Companhias de Melhoramentos, estão encarando com seriedade a iniciativa de dotar a “lirial rainha do sul” de novas formas, dando-lhe, assim, um aspecto encantador. Tanto é, que nota-se diariamente um grande número de operários que distribuídos em turmas pelos diversos pontos da cidade, entregam-se com afã não só no alinhamento como também no calçamento das nossas principais ruas, que estão sendo fartamente iluminadas com poderosas lâmpadas elétricas, dispostas com alinho no centro das mesmas.⁶⁴

Em que pesem mensagens ufanistas como essa, um observador com olhar mais apurado, direcionado para a urbe e seu funcionamento, certamente teria a percepção da situação paradoxal que estava se formando no interior da cidade. Cotidianamente, os curitibanos conviviam com distintos problemas de infra-estrutura, que insistiam em confrontar-se com o discurso oficial do período, transmitido pelas autoridades e pelos meios de comunicação – ruas esburacadas e cheias de lama, sistema de abastecimento de água insuficiente ou inexistente, falta de segurança pública e de higiene e outras deficiências da vida urbana, que não eram exclusividade de Curitiba, mas atormentavam as principais capitais do país.

Nesse sentido, embora os gestores urbanos procurassem solucionar tais problemas, na maioria das vezes, estes se resolviam lentamente, causando insatisfação entre os seus usuários. Abastecimento de água, segurança pública e pavimentação, por exemplo, se apresentavam muito aquém do esperado.

⁶⁴ A REPÚBLICA. Curitiba, 23 jun. 1913, p.1.

A tentativa de implantação da água encanada ilustra bem essa questão. Desde fins do século XIX, há registros nos documentos da Câmara Municipal sobre tentativas de contratações de empresas que executassem a obra.⁶⁵ Em 1903, o presidente do Estado, Vicente Machado, fez um empréstimo de 6 mil contos de réis para dar início aos estudos sobre o sistema de abastecimento d'água e de esgotos sanitários de Curitiba.

Para esse trabalho, foram contratados os engenheiros Álvaro Menezes e Octaviano Augusto Machado de Oliveira, que viriam a formar a Companhia de Melhoramentos de São Paulo. Essa empresa passaria, então, a executar as obras de um reservatório de água, no Alto São Francisco. Quanto à qualidade do líquido que supriria Curitiba, foi definido que a água da Serra do Mar se constituiria na “melhor que se pudesse obter”.⁶⁶ A companhia paralisou suas obras, pouco tempo depois, e uma nova empresa foi acionada, a Empresa Paulista de Melhoramentos do Paraná.

A implantação de redes de escoamento de água começou a partir da Represa Carvalho, construída na Serra do Mar. Em 24 de agosto de 1908, foi inaugurado o reservatório e abertos os registros de distribuição da represa. Em dezembro daquele mesmo ano, Curitiba recebeu seu primeiro sistema de coleta, transferência e tratamento de esgotos sanitários.⁶⁷

O reservatório do Alto São Francisco, além de atender necessidade básica da população, também está inserido nos padrões de modernidade propostos para a época: “Com a inauguração do reservatório do Alto São Francisco, a cidade se orgulhava por ser o seu espaço dotado de tal infra-estrutura tão necessária para o seu projeto de modernidade e, digna de uma grande cidade. (...) Curitiba passava a fazer parte de um grupo restrito de cidades beneficiadas por um sistema de captação e distribuição de água e de serviços de coleta e remoção de esgotos sanitários”⁶⁸.

O contentamento com a conclusão da obra, porém, perdurou apenas por dois anos. Em 1910, o Secretário de Obras Públicas e Colonização, Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, relatava que os dez milhões de litros de água, necessários para abastecer Curitiba, não estavam sendo captados.

⁶⁵ Em 1880, João José Pedrosa, então presidente da Província, lavrou contrato com o engenheiro Joaquim Rodrigues Antunes para realizar estudos e elaborar projeto sobre o abastecimento de água da capital. O plano apresentado, no entanto, foi considerado muito dispendioso e não foi posto em prática.

⁶⁶ SCHUSTER, Zair Lorival Luiz. *Sanepar ano 30: resgate da memória do saneamento básico no Paraná*. Curitiba: Sanepar, 1994, p.68-80.

⁶⁷ Quando foi inaugurado o reservatório do Alto São Francisco, além dos chafarizes e de aproximadamente 34 mil metros quadrados de rede de água, existiam 28 torneiras públicas espalhadas na área urbana da cidade.

⁶⁸ *Ibid.*, p.92.

Assim, dever-se-iam providenciar estudos para novas captações de água. O alerta de Claudino dos Santos não foi ouvido, pois é possível encontrar nos documentos oficiais, dos anos posteriores, novos pedidos das autoridades para a construção de outros reservatórios.⁶⁹

O episódio da água demonstra como a precariedade dos serviços básicos de infra-estrutura urbana não condizia com a expectativa de modernidade esperada, especialmente pelas classes mais abastadas. Da mesma maneira, porém, que o abastecimento d'água interferia no sentimento de progresso, a população se ressentia da falta de outras melhorias urbanas. A falta de pavimentação, por exemplo, era motivo de reclamações constantes nos jornais.

De fato, o trânsito pelas ruas de Curitiba era uma aventura. Lama, buracos, pedras irregulares dificultavam a vida dos transeuntes. Nem a Rua 15 de Novembro, então considerada a principal artéria da cidade, foi poupada. Nos idos de 1913, os habitantes cobravam maior cuidado da administração pública com essa via, criticada por seus remendos.

A pavimentação das ruas representou um dos principais investimentos do prefeito Cândido de Abreu, cujo plano previa uma renovação urbana. O historiador Rafael Augustus Sêga, ao analisar a reestruturação espacial de Curitiba durante a gestão de Abreu, faz um levantamento detalhado do serviço de calçamento feito em sua administração: “Para se ter uma idéia da grandeza dessa operação, numa cidade de sessenta e cinco mil habitantes, aproximadamente, foram assentados quase três milhões e quatrocentos mil paralelepípedos, além das ruas macadamizadas”⁷⁰. A ênfase nesse problema urbano, ao mesmo tempo que revela o empenho em solucioná-lo, deixa à mostra as más condições desse serviço.

Para uma cidade que se propunha estar bela e moderna para satisfazer os novos hábitos de lazer da população, como o “footing”, calçar ruas e praças era uma necessidade. Em vista disso, em 1915, as praças General Osório e Zacarias foram pavimentadas com “petit-pavet”.

A segurança pública era outro serviço que motivava queixas nas páginas dos periódicos. Roubo que teriam sido cometidos pelos defensores da lei, displicência da polícia em solucionar os problemas que afligiam os moradores da capital eram comuns. Em certas situações, se criticava

⁶⁹ A 6 de dezembro de 1916, o governo do Paraná formalizou as bases para encampar a Empresa Paulista de Melhoramentos do Paraná. A partir daí, coube ao poder público sanar o problema de abastecimento de água de Curitiba, que atingia a população.

⁷⁰ SÊGA, Rafael Augustus. *Melhoramentos da capital: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916)*. Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996, p.98.



“Elle: Já sei... já sei... Veio escolher por conta do Prefeito um calçado novo e de asfalto, não é?

Ella: - envergonhada: Eu... bem o queria... estou tão necessitada! ...Mas Elle... manda por meias solas neste mesmo.

Elle: - com espanto Oh! Mas V. Excia. a rainha das nossas ruas, com remendo nas botinas !!!!!”

Crítica à má conservação das ruas da cidade. A mulher elegante significa a Rua 15 de Novembro, então a principal via urbana. O rosto escondido sob o chapéu indica seu sentimento de vergonha, diante do estado de seu calçado, não combinando com seu traje, que representa a paisagem sofisticada da rua. O calçado novo seria a nova pavimentação asfáltica que precisava, inaugurada em 19 de dezembro de 1926.

A Bomba. Curitiba, 21 de junho de 1913.

diretamente os chefes de polícia. Em 1913, quando uma explosão devastou o armazém da estação da estrada de ferro, a apatia do comissário Ribeiro foi alvo de protestos e de sátiras em *A Bomba*. Na charge da revista de 10 de julho desse mesmo ano, FELIX retratou o comissário dormindo a sono solto, enquanto ocorria o sinistro.⁷¹



Na relação entre a população e a segurança pública, reforçava-se a imagem de uma polícia ineficiente e incompetente. A charge refere-se ao grave acidente que aconteceu na estação da estrada de ferro, em 1º de julho de 1913, acidente que matou pessoas e animais. Enquanto isso, diz-se que o delegado Ribeiro “dormia no serviço”.

A Bomba. Curitiba, 10 de julho de 1913.

⁷¹ A BOMBA. Curitiba, 10 jul. 1913, n.p.

Acompanhando o raciocínio dos chargistas, versos sobre o mau desempenho da polícia também ilustravam o periódico: “Ladrões e de carteira batedores/ Andam agora a trabalhar contentes/ Sem que a polícia e os guardas diligentes/ Perturbem a hábil ação a esses senhores. (...)”⁷²

Assim como a polícia, a qualidade dos serviços prestados pelo corpo de bombeiros não satisfazia os cidadãos. Desta feita, porém, não pela atuação de seus membros, mas pela falta de equipamentos básicos para o exercício de suas tarefas, como as mangueiras para apagar o incêndio:

Um incêndio em Curitiba quando começa, o menor mal que pode fazer é apagar-se depois de queimar tudo, porque o Corpo de Bombeiros quando o descobre, quer apagal-o de balde. E assim procedem os nossos jovens bombeiros, porque lhes faltam bombas e outros aparelhos indispensáveis. Pois de hoje em diante deixarão eles de ser baldeiros para serem muito bons bombeiros de verdade, pois por falta de bombas não será que os incêndios se repitam, que a nossa aí vai [alusão ao nome da revista “A Bomba”], capaz de apagar o fogo mais abrasador.⁷³

A comicidade, base da elaboração das charges, nesses casos, encontrava farto material como, por exemplo, quando o carro do corpo de bombeiros pegou fogo.

Os problemas de infra-estrutura urbana – que iam muito além dos aqui apontados – eram percebidos pelos moradores e cobrados do poder público. Alexandre Benvenuti, historiador que trabalhou com a coluna de reclamações dos jornais, nesse período, comenta que o cidadão que pagava seus impostos preocupava-se com a aparência da cidade, “pois ela era a capital, e portanto deveria representar o que de mais moderno havia no Estado. Era como se Curitiba fosse a porta de entrada para o Paraná, e portanto deveria exibir sua riqueza, poder e valores *civilizados*. A administração municipal, por sua vez, teria a obrigação de fazer os esforços necessários para torná-la uma urbe *civilizada*, portadora de todos os ícones e símbolos da modernidade.”⁷⁴

As charges, ao apreenderem os problemas cotidianos da infra-estrutura urbana, detêm um novo olhar sobre a cidade.

⁷² A BOMBA. Curitiba, v.1, n.16, 10 nov. 1913, n.p.

⁷³ A BOMBA. Curitiba, v.1, n.1, 12 jun. 1913, n.p.

⁷⁴ BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. As Reclamações do povo na *Belle Époque*: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916). Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

A Bomba

Propriedade de Marcello Bittencourt.
Redacção: Rua Marechal Deodoro n. 36 Avulso 400rs.

Anno I

Coritiba, 1 de Julho de 1913

N. 3

Casa de ferreiro . . .



- Incendio na caixa d'agua! E os *baldeiros* que não apparecem . . .
- Não é na caixa d'agua, é no automovel dos bombeiros.
- Por isso é que elles não ligam. . .

Sátira à atuação dos bombeiros, chamados de *baldeiros*, prejudicada pela falta de água encanada.

A Bomba. Curitiba, 1º de julho de 1913.



"O abastecimento d' água

- Zé - Da Serra veio, não tem duvida, mas para chegar lá em casa quanto dinheiro ainda?"

Zé, simbolizando o povo, sentado, cansado de esperar a água encanada, vir da Serra do Mar, até Curitiba. A luneta indica a longa distância a ser percorrida até os lares da capital.

O Olho da Rua. Curitiba, 22 de agosto de 1908.

"Resignação Heróica

Zé — *com uma sede devoradora* — Quando pingará a primeira gota d'esta água *enganada* ?..."

A resignação de Zé expõe a frustração dos curitibanos pela demora com a implantação da água encanada. Note-se a escrita água "enganada", referência ao uso duvidoso dos empréstimos que o governo fez para a execução da obra.

O Olho da Rua. Curitiba, 11 de julho de 1908.





“O sr. Markel, ao tirar um copo d'agua da torneira, viu cair neste uma cobra... Da tribuna”

- O meu palpite hoje é a cobra...
- Porque?
- Sonhei com agua da serra!”

Sátira que associa o abastecimento de água da capital com o “jogo do bicho”, outro tema discutido na época.

A Bomba. Curitiba, 31 de dezembro de 1913.



Projecto de monumento

Em homenagem ao futuro «reformador de Curitiba».—

A estatua será fundida em asfalto sob um pedestal de *paralelepipedos* de {diversas formas geometricas.

Sátira ao engenheiro Cândido Ferreira de Abreu, que assumiu a Prefeitura de Curitiba em janeiro de 1913, e pavimentou diversas ruas da cidade, utilizando, segundo seus críticos, paralelepípedos de diferentes formas.

A Bomba. Curitiba, 12 de junho de 1913.

No Passeio Público



- Aqui o que falta são bancos...
- Já temos tantos: O Rive-l'ate, o London, o de Curitiba, o Hypothecario...
- Cebolas! Falo de bancos para a gente sentar...

Cândido de Abreu também promoveu uma intensa remodelação do Passeio Público de Curitiba. Uma das principais mudanças foi a instalação de um portal na entrada do parque, uma réplica do portal do cemitério de cães de Paris. Ironicamente, teriam faltado equipamentos básicos de lazer, como bancos de jardim.

A Bomba. Curitiba, 30 de agosto de 1913.

“A grande póda

- A lenha está caríssima.

- Pois nós lá em casa não a compraremos tão cedo.

- Usam carvão de pedra?

- Não, mandamos buscal-a á praça Ozorio.”

Crítica à reforma da Prefeitura efetuada na Praça Osório, causando a retirada de inúmeras árvores.

Note-se o requinte dos trajes dos personagens, inseridos no contexto da Belle Époque.

A Bomba. Curitiba, 30 de setembro de 1913.

A BOMBA

Anno I

CORITIBA, 30 de Setembro de 1913

N.º 12

A grande póda



Avulso 400 rs.

— A lenha está caríssima.
— Pois nós lá em casa não a compraremos tão cedo.
— Usam curvão de pedra?
— Não, mandemos buscá-la à praça Otório.

Entre amantes do sport



—Pois, vá, apostemos! Se perderes darás um salto mortal. . . E se eu perder?
—Passarás sobre a ponte da praça Zacharias.

O mau estado de conservação das ruas e praças da cidade era abordado ironicamente pelos desenhistas.

A Bomba. Curitiba, 10 de outubro de 1913.



Em novembro de 1908, os soldados do Regimento de Segurança de Curitiba se rebelaram contra o coronel João Muricy, alegando maus tratos. Houve tiroteio, morrendo um dos revoltosos e dois cavalos. A sátira fica por conta da burra que, sem os eqüinos, “ficou virgem!”.

O Olho da Rua. Curitiba, 28 de novembro de 1908.



—O commissario Ribeiro mostra-se mesmo disposto a matar o bicho. Querem ver que elle accordou da somnéca?

Outra crítica à atuação do comissário Ribeiro pela sua displicência no cumprimento da lei.

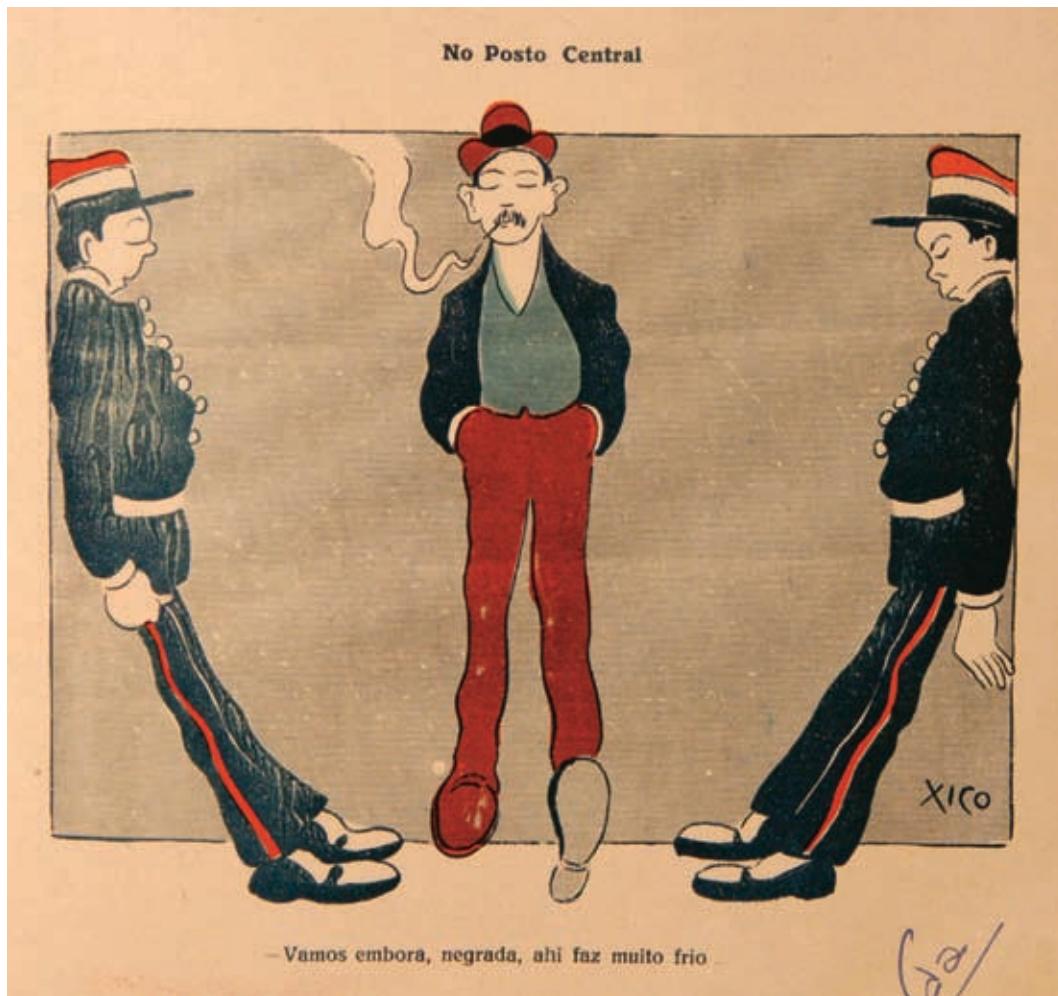
A Bomba. Curitiba, 20 de agosto de 1913.

Polícia experta



— Já que o sr. está de ronda por aqui faça-me o favor de olhar a minha casa . . .

A insegurança na cidade em relação a assaltos e roubos e a ação duvidosa da polícia era uma preocupação de seus habitantes. Na charge, o morador é lesado pelo policial enquanto conversa com ele. Ao fundo, um ladrão circula com o produto de seu roubo.
A Bomba. Curitiba, 10 de julho de 1913.



Os policiais eram tratados como indolentes e preguiçosos.

A Bomba. Curitiba, 30 de agosto de 1913.

Os cães hydrophobos



— Socorro! Socorro! Vejam se eu estou morto!
— Oh! senhor, queira desculpar, a bala não era para si, era para aquelle cachorro louco . . .

No final de 1913, um surto de cães hidrófobos assustou os curitibanos. Na charge, destacam-se: o despreparo dos membros da segurança pública para resolver a questão; a tentativa de controle social imposto pela polícia, e os perigos a que o indivíduo estava exposto no espaço público. A Bomba. Curitiba, 31 de dezembro de 1913.

A BOMBA

Curityba, 21 de Junho de 1913

Anno I N. 2



— Ora veja você: os bombeiros são quasi todos creanças . . .

— Não faz mal; até chegarem as bombas elles têm tempo de crescer.

Entre bombeiros . . . de fogo



- O nosso primeiro automovel o fogo levou . . .
- O segundo levou os fogos num desastre.
- Qual, camaradas! Contentemo-nos com as bombas que temos que já não é pouco.

Os bombeiros se mostram desorientados e ineficazes (de costa, com os olhos encobertos pelo capacete) diante das dificuldades para realizarem seu trabalho. A Bomba. Curitiba, 30 de julho de 1913.

Na página anterior

Ironia em relação à demora do equipamento necessário para os bombeiros trabalharem, como as bombas d'água. A comicidade da representação do grupo, como crianças, também se refere à idéia de que a criação do Corpo de bombeiros seria uma "grossa mamata".

A Bomba. Curitiba, 21 de junho de 1913.



A falta d'água

- Com que então já chegaram as bombas do Corpo de Bombeiros? Não será fita?
- Não, é verdade. Agora o governo está tratando de importar a água. . .

As dificuldades para a implantação do Corpo de bombeiros eram muitas. O automóvel da corporação, ironicamente, queimou em um incêndio. Quando eles tinham as bombas para apagar o fogo, o que faltava era a água encanada.

A Bomba. Curitiba, 30 de outubro de 1913.



Crítica à apatia da polícia local. Mesmo estando próxima ao suposto incêndio, ela permitiu que os bombeiros chegassem ao local primeiro.
A Bomba. Curitiba, 30 de novembro de 1913.

Casamento, moda e trabalho: o universo feminino

As mudanças no comportamento feminino ocorridas nas primeiras décadas do século XX anunciavam o início de novos tempos no âmbito familiar. A introdução e disseminação da tecnologia, de novos meios de transporte, de novos espaços de lazer e de trabalho causaram profundas alterações no modo de agir e de pensar dos brasileiros, em especial dos que migravam para a área urbana, atraídos pelo “glamour” das luzes, da arquitetura, do cosmopolitismo que as capitais assumiam aos olhos da população rural:

Era nas cidades, as quais trocavam sua aparência paroquial por uma atmosfera cosmopolita e metropolitana, que se desenrolavam as mudanças mais visíveis. Através de um processo diagnosticado por vários críticos temerosos como imperfeito e desorganizado, a nova paisagem urbana, embora ainda guardasse muito da tradição, era povoada por uma população nova e heterogênea, composta de imigrantes, de egressos da escravidão e de representantes das elites que se mudavam do campo para as cidades.⁷⁵

Na cidade moderna, a divisão espacial entre o público e o privado, separando homens e mulheres, tornou-se tênue. Enquanto os primeiros se reuniam em bares e cafés, as mulheres se compraziam em apreciar as vitrines das lojas, seduzidas pelos ditames da moda, e a freqüentar os teatros para assistir à ópera e ao moderno cinematógrafo. A evolução dos meios de transporte, com o uso do bonde e do automóvel, encurtando as distâncias e aproximando as pessoas, também favoreceu essa modernidade. Afora os locais de lazer, o espaço da mulher na sociedade se expandia, atingindo a indústria, o comércio e os serviços públicos e privados. As novas profissões para as brasileiras, entretanto, tinham seus limites, visto que eram muitos os obstáculos para o exercício de certos ofícios. Em geral, os empregos disponíveis estavam relacionados com o que se considerava uma extensão do trabalho feminino: telefonistas, taquígrafas, professoras, operárias da indústria têxtil, de confecções e alimentícias. No meio fabril, elas representavam um número significativo. Estavam dispersas nas fábricas de cerveja, de fósforos, bolachas, balas, porcelana, charutos e nos engenhos de mate. Também ob-

⁷⁵ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3, p.371.



A charge expressava a moda, a mudança de hábitos da população, os espaços de circulação, a preocupação com o bem vestir para freqüentar os lugares elitizados da sociedade. No desenho, evento social promovido pelo Grêmio das Violetas, grupo de mulheres do Clube Curitibano que realizava festas beneficentes. O Olho da Rua. Curitiba, 1º de janeiro de 1909.

tinham seus ganhos empregando-se em escritórios, hospitais, lojas de tecido, de calçados e de brinquedos. Atividades urbanas como essas, paulatinamente, foram se mesclando ao tradicional comércio agrícola desenvolvido pelas colônias imigrantes, na capital.⁷⁶ Mesmo assim, o Código Civil prescrevia que a mulher casada deveria ter autorização do marido para trabalhar, a profissão fora do lar só seria admitida para garantir o sustento da família. É importante levar em conta que trabalhar fora, não eximia a mulher de ser uma boa dona de casa e perfeita mãe e esposa.

Além disso, as mulheres que conseguiam emprego se viam obrigadas a se submeter às longas jornadas de trabalho, aos assédios sexuais e à discriminação salarial.

Em certas ocasiões, elas serviram para reforçar propostas trabalhistas que incluíam melhores condições no emprego e igualdade de remuneração. Nesse sentido, um ambiente de disputa instalava-se na sociedade, uma “disputa de espaços que terminaria em um jogo de poder onde o homem, temendo as pretensões femininas, tentaria fechar-lhes os campos de trabalho e restringir-lhes as chances de emprego”.⁷⁷ Expressões preconceituosas, como “trabalho de mulher”, e críticas aos maridos que deixavam a esposa trabalhar eram freqüentes. Somente às solteiras e necessitadas, as censuras abrandavam.

O desenvolvimento das cidades, portanto, impôs um novo ritmo às relações entre os habitantes. A visibilidade que a mulher assumiu, nesse processo, propiciou um reordenamento de seu papel na sociedade: “Até então, a divisão entre o público e o privado contribuía para diferenciar as atribuições masculinas e femininas na sociedade. Para as mulheres, a apresentação no espaço público podia constituir-se em uma ameaça à virtude e à respeitabilidade. Já para o homem, sair em público dava acesso a uma liberdade que nem sempre gozava no recinto do lar.”⁷⁸

As alterações do comportamento da mulher foram se intensificando, e encontraram eco no movimento feminista. Ele teve como objetivo despertar na mulher a consciência de sua posição na sociedade, estimulando-a a reclamar contra situações discriminatórias. A esse respeito, destacam-se quatro reivindicações: direitos políticos, trabalhistas, no casamento e na instrução.

⁷⁶ TRINDADE, Etelvina Maria Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996, p.209. (Farol do Saber).

⁷⁷ _____. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná da virada do século. *História: Questões & Debates*. Curitiba: UFPR, n.30, 1999, p. 71.

⁷⁸ *Ibid*, p.67.

Precocidade moderna



Elle: — Então a senhorita não pretende casar ?
Ella (quinze annos): — Talvez, mas tenho medo de uma cousa...
Elle: — Do que ?
Ella: — De logo ficar *enjoada* do marido...

A “precocidade moderna” denuncia a rapidez com que os costumes e o comportamento feminino se modificaram. O casamento deixou de ser a única opção para o futuro da mulher. Destaque para a moça que se sobressai no cenário com o vermelho da blusa.

A Bomba. Curitiba, 10 de julho de 1913.

A discussão sobre o voto feminino chegou ao Paraná na Primeira República, enquanto suas principais cidades demonstravam um princípio de modernização. Sobre a questão da participação da mulher no sufrágio universal, destacam-se os escritos da professora portuguesa Mariana Coelho, moradora de Curitiba, no jornal *Diário da Tarde*, favorável que a mulher participasse das eleições.

Na realidade, os homens em geral temiam que, com a interferência da mulher, na política, esta passasse a questionar sua posição no núcleo familiar e deixasse de se submeter às idéias e ações políticas do marido, provocando discórdias no espaço doméstico. Esse receio era registrado pela imprensa de distintas maneiras, inclusive por meio das charges.

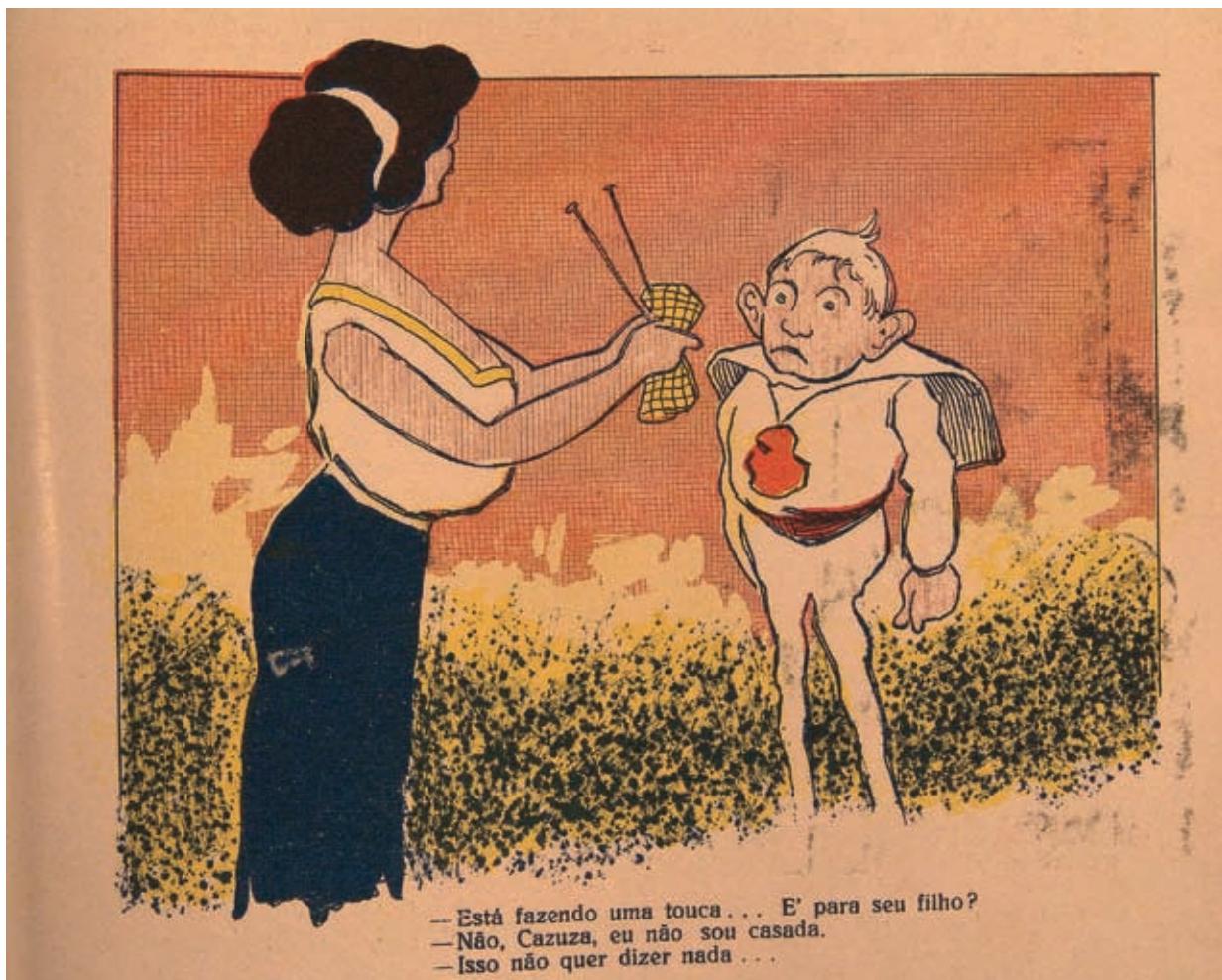
Não obstante a tentativa dos caricaturistas de minimizar as idéias feministas, é interessante levar em conta suas conseqüências. A charge e a caricatura atraíram a atenção da opinião pública para a condição da mulher na sociedade, bem como mostraram a visão que seus autores, em sua esmagadora maioria masculina, como Darvino Saldanha, Euclides Chichorro e Mário de Barros, tinham do sexo oposto.

Os artistas passaram, nessa época, a considerar a mudança de costumes, as inovações na vida feminina e, sobretudo, as alterações no relacionamento entre homens e mulheres. Para os intelectuais, tais novidades acarretariam uma corrosão social que afetaria a sociedade. O lar passou a ser visto como um refúgio, diante da instabilidade que a vida moderna trazia para a sociedade. Para as historiadoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, “as incertezas geradas pelo ambiente urbano, o amanho do lar e da família foi convertido em ancoradouro da moral sagrada”.⁷⁹

Nesse contexto, novamente vemos a importância atribuída à figura da mulher, pois o amparo familiar seria função da esposa virtuosa, dedicada, paciente. Como antítese da rainha do lar, estava a moça moderna, “cheia de liberdades”, cabelos curtos, roupa curta, justa e decotada, exposta às avaliações masculinas.

Percebemos, desse modo, como o embaralhamento de valores e sentidos que se desenrolava no espaço urbano, em especial com as mulheres, passava a não se coadunar com as representações femininas do final do século XIX, quando havia uma associação paródica entre a figura da mulher

⁷⁹ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3. p.389. (História da vida privada no Brasil).



Por trás de figuras que remetem à inocência como, por exemplo, a do menino, assuntos polêmicos eram discutidos nas charges, dentre eles a maternidade fora do casamento. Note-se que o traje da mulher apresenta indícios da “liberdade feminina”, com roupas justas e decotadas.

A Bomba. Curitiba, 10 de dezembro de 1913.

e a República.⁸⁰ Nas primeiras décadas do Novecento e, principalmente, com a Primeira Guerra Mundial, a representação da República seguiu contornos dinâmicos do modernismo: juventude, modas leves, ar livre e inovações tecnológicas.

Nesse sentido, as cidades também passaram a ser relacionadas com mulheres. Curitiba, na década de 1910, por exemplo, que já fora chamada de caboclinha, com a modernização urbana e seu embelezamento, era então comparada a uma cortesã:

Ela era uma caboclinha rústica, de tez morena e olhos azuis. Andava a errar pelas selvas sem fim, pelas matas seculares, o corpo apenas abrigado em peles brutas de animais ferozes, os pés descalços, acostumados a pisar em espinhos... Depois vieram os homens públicos: viram-na, acharam-na bela e um profundo amor pela menina lhes queimou as entranhas. Até que em uma noite em que a lua se ocultara, o mais ousado deles, num ímpeto feroz de voluptuosidade, tirou-lhe a virgindade!⁸¹

O autor do texto, que assina com o nome de Higino, destaca que Curitiba deixara de ser submissa. Estava mais bela, de ares altivos, trajes de seda e botas de verniz. Era agora uma cortesã sedutora e fascinante. A idéia de caracterizar a cidade como cortesã é comentada pelo historiador José Murilo de Carvalho, ao tratar da implantação da República, no Brasil. Segundo ele, o desapontamento com esse sistema de governo fez com que ela fosse retratada de forma pervertida, na figura da mulher corrompida, era uma “res publica, no sentido em que a prostituta era uma mulher pública”.⁸²

Representações à parte, segundo Etelvina Trindade, mais preocupante que a disputa de gênero que se desenvolvia, era a luta de classes, capaz de dividir os interesses dos grupos sociais. A historiadora cita como exemplo a rejeição das operárias à proteção das mulheres mais abastadas economicamente, inclusive as feministas, por sentirem-se manipuladas. Em que pesem essas divergências, é importante levar em conta que a repercussão das idéias feministas na sociedade, percebida já na virada do século XX, colaborou para beneficiar as condições de vida das mulheres.

⁸⁰ Na tradição clássica, a representação alegórica da República com a mulher era comum. Com a produção europeia, inclusive com a Revolução francesa e o Positivismo, foi bastante difundida a imagem da mulher vestida com túnica e gorro frígio, transmitindo ideais de liberdade, felicidade, verdade. No Brasil, a influência do Positivismo também se fez sentir em representações femininas, como, por exemplo, a charge da revista *Galeria Ilustrada*, em que aparece a *República arrancando o mal pela raiz*, publicada na p.28 deste trabalho.

⁸¹ HIGINO. O Paraná. Curitiba, 15 jun. 1910. apud: BERBERI, p.5-6.

⁸² CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.87-89.

Na casa da cartonante



--A sra. está alegre porque foi pedida em casamento.
--Não, sra.; estou alegre porque me divorciei.

Até em atitudes tipicamente femininas, como ler a sorte, é possível perceber sinais da vida moderna. A cartonante não consegue mais adivinhar o presente, diante das incertezas daquele momento. O novo era divorciar-se. A postura da mulher mais jovem remeteria ao futuro, enquanto a sortista, mais velha, representaria a associação com o passado.

A Bomba. Curitiba, 20 de outubro de 1913.

Além de procurar facilitar o seu ingresso ao trabalho remunerado, elas também aumentaram suas oportunidades na educação, ao mesmo tempo que passaram a romper com certos estigmas femininos, como a falta de capacidade da mulher casada para atuar nessas áreas.⁸³

Uma das principais indagações do movimento feminista dizia respeito aos direitos da mulher no casamento. O esforço para a igualdade de direitos entre os sexos se constituía em uma evidência. Artigos na imprensa local ilustram essa questão, como o texto intitulado “Os direitos da mulher”, no jornal *Diário da Tarde* de 27 de outubro de 1913. Além do que: “convém que se cesse de incutir na mulher a idéia de que o casamento deve constituir o objetivo constante dos seus pensamentos. A celibatária cuja existência é, com freqüência, feita de abnegação e de sacrifícios, exerce por vez uma ação mais nobre do que a vida frívola de muitas mulheres casadas”.⁸⁴

Mas as ambições da mulher no casamento foram, por longo tempo, proteladas. Enquanto isso, as reivindicações feministas se voltavam para outras questões, como, por exemplo, o direito à instrução. Considerada um dos elementos imprescindíveis para a emancipação, a participação da mulher na educação teve como uma de suas pioneiras, no Paraná, a professora Júlia Wanderley, que se tornou a primeira mulher a freqüentar a Escola Normal de Curitiba, nos idos de 1890.

O direito à instrução também foi tema dos periódicos do início do século XX. Em *O Olho da Rua* de 5 de outubro de 1911, Elvira Faria Paraná publicou um artigo sobre esse assunto. O texto se reveste de importância, na medida em que Elvira era esposa de Sebastião Paraná, então Diretor da Instrução Pública do Estado:

A causa do progresso de um povo – disse notável escritor – está na instrução geral da mulher. Esta verdade é lógica. A mulher, não tendo noções exatas da formação do planeta que habitamos, não conhecendo rudimentos de meteorologia, de física, etc., só poderá transmitir à sua prole noções errôneas a respeito dos mais simples fenômenos que se passam na atmosfera. [...] Cônsua de seus direitos e deveres, bem orientada, bem norteada pela ciência e pela observação, saberá melhor escolher o companheiro de seus dias; conhecerá mais prontamente as tendências boas ou más de seus filhos e de seus alunos, graças às leis gerais da ciência psicológica. [...] ⁸⁵

⁸³ TRINDADE. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná da virada do século. *História: questões & debates*. Curitiba: Ed. da UFPR, n. 30, 1999, p. 72.

⁸⁴ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 27 out. 1913. apud: TRINDADE. Espaço urbano, *Ibid.*, p.73.

⁸⁵ PARANÁ, Elvira Faria. Álbum feminino. A mulher. *O Olho da Rua*. Curitiba, 5 out. 1911, n. p.

A crônica também defende a idéia de que à mulher interessava conhecer a história para poder desenvolver um sentimento de liberdade e de amor à pátria, preceitos indispensáveis àquela que desejasse formar seus filhos como futuros cidadãos. Em suma, se almejava uma educação igualitária entre os sexos. Às damas curitibanas, do início do século XX, os conhecimentos aferidos não eram aprofundados. Aprendia-se gramática e línguas estrangeiras, principalmente o francês, e História e a Geografia do Brasil. Esses conhecimentos, aliados ao das prendas domésticas, contribuíam para a entrada da mulher em um domínio praticamente exclusivo, o do magistério.

Analisando os avanços da mulher no trabalho, no casamento e na educação, percebemos, porém, que ainda assim a meta final da instrução para a mulher resumia-se em atender os desejos do marido e a harmonia do lar. Os direitos e interesses pessoais femininos localizavam-se em última instância.⁸⁶

⁸⁶ TRINDADE, Etelvina Maria Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996, p.53. (Farol do Saber).



Alusão à falta de instrução da mulher, a quem cabia as tarefas domésticas ou as que fossem uma extensão delas. A profissão de engommadeira, além de colaborar com o sustento da família, garantia a reclusão feminina no espaço privado. O movimento feminista, no entanto, incentivava a instrução, por entender ser uma das formas de a mulher conseguir emancipar-se. Conhecendo a História, ela poderia desenvolver um sentimento de liberdade.

A Bomba. Curitiba, 30 de outubro de 1913.

Ultima moda



— O que é isto ! Que mobilia é esta ? !
— Não é mobilia não, senhor ; é um chapéu da ultima moda
para a sua Exma. senhora ! !

Os chapéus femininos interferiam no espaço público e privado. Sua extravagância chegou a ser motivo de protestos dos frequentadores de cinemas e teatros, sendo feitas normas oficiais para regulamentar o uso dos chapéus, pelas senhoras, nesses recintos. Na charge, o tamanho do chapéu rouba a cena. A atitude curvada do carregador e a aceitação do marido indicam a submissão masculina aos ditames da moda. Ao fundo, na parede, o retrato da mulher passeando com seu cachorrinho, exibe o chapéu como acessório da moda.

O Olho da Rua. Curitiba, 11 de maio de 1907.



- Que estás ali a ler?
Uma coisa que vae te deixar desesperado
- Já sei . . . É uma carta do Jordão
- Enganou-se: é a conta da modista

Na Costureira.



Na costureira

- Os vestidos que a sra. faz nunca ficam bem...
- A culpa não é nossa: actualmente os vestidos não são feitos para as mulheres, as mulheres é que são feitas para os vestidos...

Sátira à sujeição feminina à moda. Ao fundo, note-se a figura masculina sempre presente nas representações sobre o tema, provavelmente por ser o homem o mantenedor destes caprichos femininos, além ser indicativo do status social da família.

A Bomba. Curitiba, 20 de setembro de 1913.

Na página seguinte:

Na tradição clássica, o uso da imagem feminina para a representação alegórica da República era comum. Com a Revolução Francesa, em 1789, os caricaturistas popularizaram esse tipo de representação republicana.

A Bomba. Curitiba, 20 de outubro de 1913.





Anniversário constitucional

– Coitadinha! Colheu mais uma flor no jardim de sua existência, porém... cada vez mais errada e cheia de remendos!...

Representação feminina da constituição republicana, exprimindo a frustração da população com o Poder Público. A Constituição, caracterizada na mulher de certa idade, que precisa de óculos para enxergar os problemas que afligiam a sociedade. Os remendos denunciam as tentativas de melhorá-la.

O Olho da Rua. Curitiba, 13 de abril de 1907.



A sátira e as palavras de duplo sentido ilustram o pensamento feminino em relação ao casamento.

A Bomba. Curitiba, 20 de outubro de 1913.



Infidelidade, vícios, má conduta. As atribuições masculinas, nesta charge, depreciam o marido que abandona o lar e a família. A Rua 15 de Novembro se destaca por ser então a principal artéria da cidade, onde os espaços de trabalho e de lazer se misturavam, bem como seus habitantes. No desenho, sobressaem, em cores, a moda e o automóvel, signos de modernidade.

A Bomba. Curitiba, 30 de agosto de 1913.

Creada nova



- Se meu marido ou meu filho se fizerem de engraçados com você venha me contar . . .
—Que idade têm elles?
—Meu marido cincoenta e o Luiz vinte e um annos . . .
—Pois sim, está combinado.

Avigilância da mulher casada sobre o marido e os filhos ocorria desde o lar. As criadas domésticas, suscetíveis aos apelos masculinos, representavam uma ameaça ao casamento.

A Bomba. Curitiba, 30 de julho de 1913.

As nossas creadas

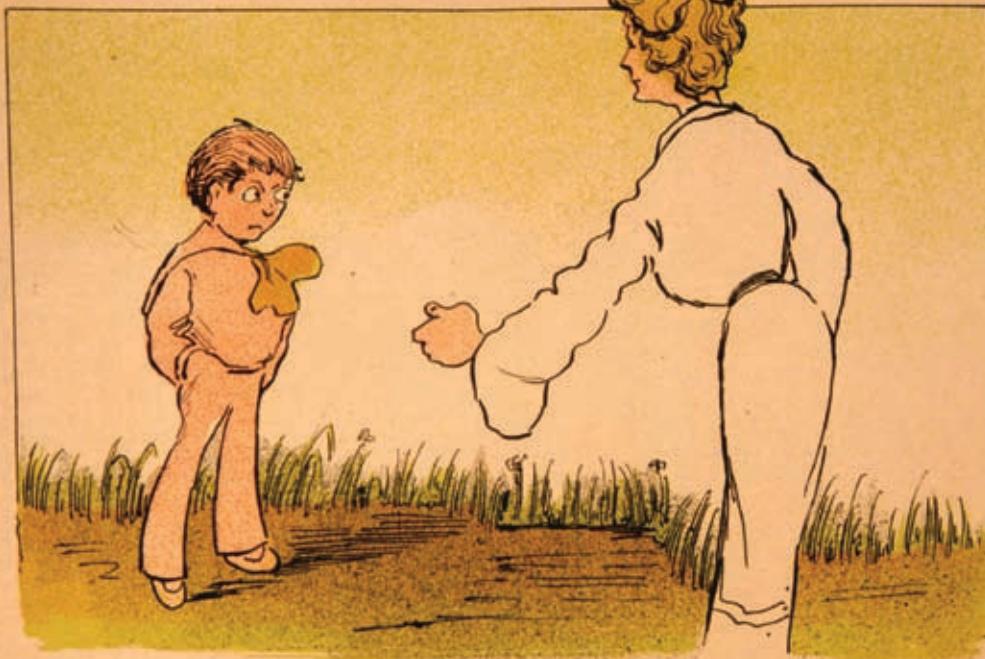


— A Joanna é que era uma creada boa...
— E esteve muito tempo em sua casa?
— Saio no mesmo dia em que entrou.

As palavras de sentido dúbio indicam que, mesmo que fossem prendadas, as criadas jovens e belas eram preteridas em relação àquelas que tinham menos atributos físicos. Também fica evidente que cabia à esposa selecionar a empregada. Na cena, a cor vermelha atrai o leitor para a conversa feminina e, ao fundo, atrás da cortina, para a posição do homem, submissa à atitude da esposa.

A Bomba. Curitiba, 30 de agosto de 1913.

Simplicidade



- Sabes, mamãe? A cosinheira está com o braço inchado. . .
—Porque?
—Ella diz que é dos beliscões que papae lhe dá.

Disputas, conchavos e mandonismo local

Nepotismo, gastos excessivos, corrupção, filiações partidárias – questões que hoje fazem parte do meio político do Brasil e do mundo, já eram temas de debates e discussões, na imprensa curitibana, do início do século XX. Nesse período, a política oligárquica predominava no Paraná. De um lado, estava o Partido Conservador, formado por membros republicanos, ex-picapaus⁸⁷, sob a liderança de Vicente Machado e, de outro, Generoso Marques dos Santos, presidente do Partido Liberal, composto por antigos federalistas ou maragatos.⁸⁸

A divisão entre pica-paus e maragatos sofreu um revés inesperado, em 1907, quando ocorreu a eleição do lapiano João Cândido Ferreira para a presidência do Estado. Caio Machado, filho de Vicente Machado, recém-falecido, propôs a impugnação da candidatura de João Cândido. Para tanto, foi organizada uma coligação com membros influentes da política local, como Manoel Alencar Guimarães, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, e o senador Francisco Xavier da Silva, dissolvendo os partidos Conservador e Liberal. A coligação foi denominada Coligação Republicana do Paraná. João Cândido, sem apoio de seus principais correligionários, viu-se obrigado a renunciar ao cargo.

O sucesso dessa associação partidária, no entanto, não foi suficiente para impedir a reação daqueles que não aderiram ao pacto. Maragatos ferrenhos, como João Menezes Dória e Amazonas Araújo Marcondes, investiram, em vão, na candidatura de Ubaldino do Amaral contra a de Xavier da Silva para as novas eleições do Estado, que aconteceram em 1908. Vitoriosos, Xavier da Silva e seu vice-presidente, Generoso Marques, passaram a representar o conchavo entre pica-paus e maragatos para manter o poder político no Paraná.

O jornal *A República* de 25 de fevereiro de 1908 destacou a fusão dos partidos. Sendo um jornal da situação, era previsível que se posicionasse a favor da inusitada união:

⁸⁷ Pica-pau se aplicaria aos governistas ou legalistas que tinham como parte de seu uniforme um boné com adereço vermelho acima da aba preta.

⁸⁸ Membro do movimento federalista que, em 1893, inspirou a Revolução Federalista, sob chefia de Silveira Martins, contra o partido então dominante, que tinha à frente Júlio de Castilhos.

Inaugura-se hoje sob os melhores auspícios o novo período governamental, assumindo as rédeas da administração pública como presidente do Estado o exmo. sr. dr. Manoel de Alencar Guimarães ate que as urnas se pronunciem elegendo novo gestor para o quadriênio 1908-1912, que, temos certeza, será para a terra paranaense um período de largos benefícios em continuidade ao governo findo o qual iniciado pela ação vigorosa e patriótica do saudoso e benemérito dr. Vicente Machado veio a terminar com a administração correta e austera do exmo. sr. coronel Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, o venerado correligionário que desce do poder coberto de louvores dos nossos concidadãos a cujos destinos presidiu com a maior lealdade durante meses de administração calma, progressista e ordeira. ... o Paraná Republicano é a obra vitoriosa dos eminentes correligionários que desde o inicio do regime o encaminharam pela senda de uma política liberal e adiantada ...⁸⁹

A revista *O Olho da Rua* também acompanhou a manobra política, porém sob o viés da sátira e da anedota. Nesse contexto, as charges publicadas no periódico significam importantes registros desse momento controverso da história política local.

A referência à ligação entre antagonistas políticos como Alencar Guimarães e Generoso Marques e a caracterização cômica dos personagens, é um dos destaques da revista. Generoso Marques, por exemplo, era freqüentemente retratado com pés grandes, provável alusão às suas bases políticas, ou como sustentáculo da coligação republicana.⁹⁰

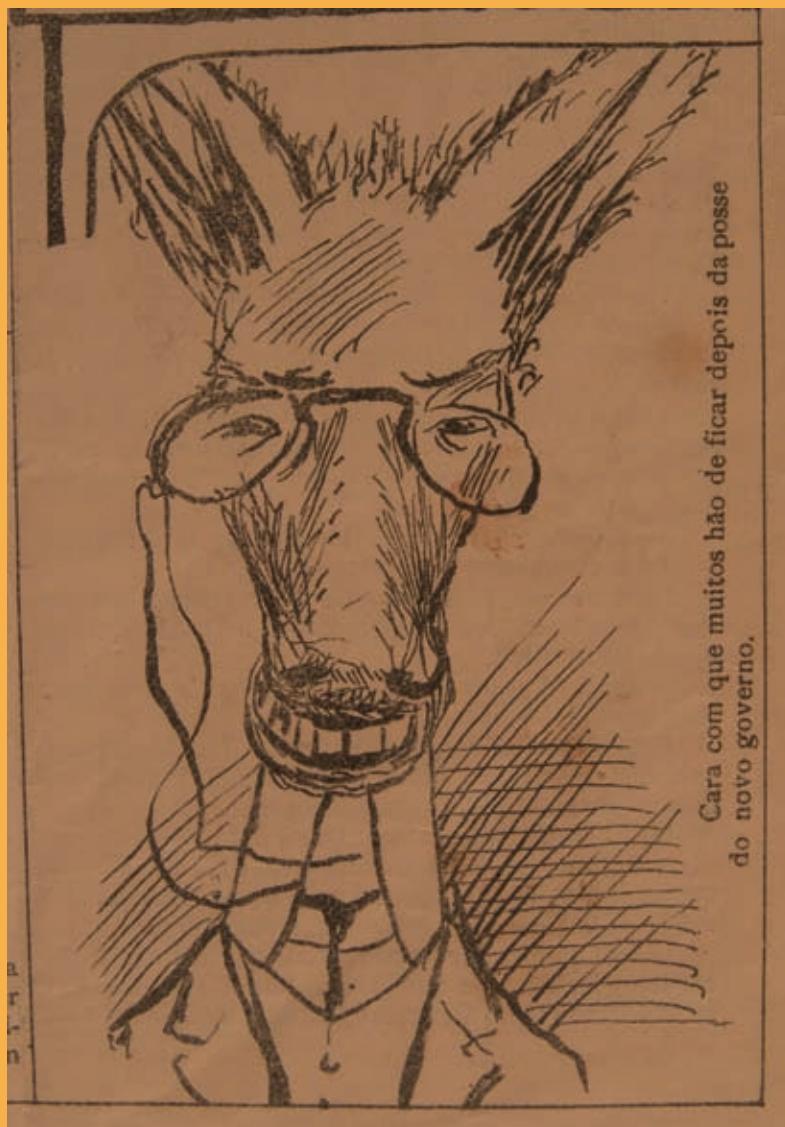
As eleições em torno do sucessor de João Cândido sugerem as manipulações partidárias que ocorriam na política local. Afora situações como essa, fraude e corrupção eleitorais envolvendo o voto da população também se tornaram temas recorrentes nas charges e caricaturas do período. Tanto que, o uso da animalização, nas caricaturas, era um dos recursos utilizados pelos artistas gráficos para destacar o jogo das urnas eleitorais. Para Queluz, tais subterfúgios reportam “às concepções das fábulas, onde os animais assumem paixões e comportamentos humanos, onde o alegorismo possibilita, através dos animais compreender a ação dos homens”.⁹¹

Da mesma maneira, havia a menção às origens dos parlamentares e sua associação à estrutura política ligada à prática do coronelismo. Os coronéis eram retratados por meio de um contraponto

⁸⁹ A REPUBLICA. Curitiba, 25 fev. 1908, p.1.

⁹⁰ QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. *Olho da Rua: o humor visual em Curitiba (1907-1911)*. 1996. Dissertação – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996, p.67.

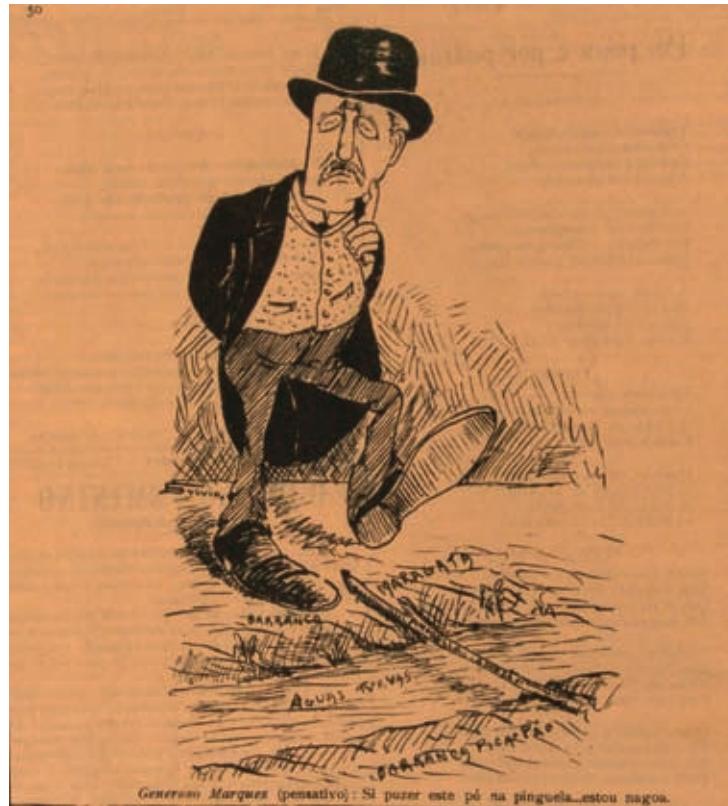
⁹¹ *Ibid.*, p.71.



Desconfiança e descrédito em relação aos caminhos da política com a vitória de Xavier da Silva nas eleições de 1908 para governar o Paraná.

O Olho da Rua. Curitiba, 21 de março de 1908.

urbano/rural: jeito de falar, caracterização do vestuário, encenação do personagem. Analisando as representações sobre João Cândido, por exemplo, natural da Lapa, percebemos sua veia rural nos trajes típicos dos habitantes do campo com que foi retratado.



“Barranca maragata

Águas Turvas

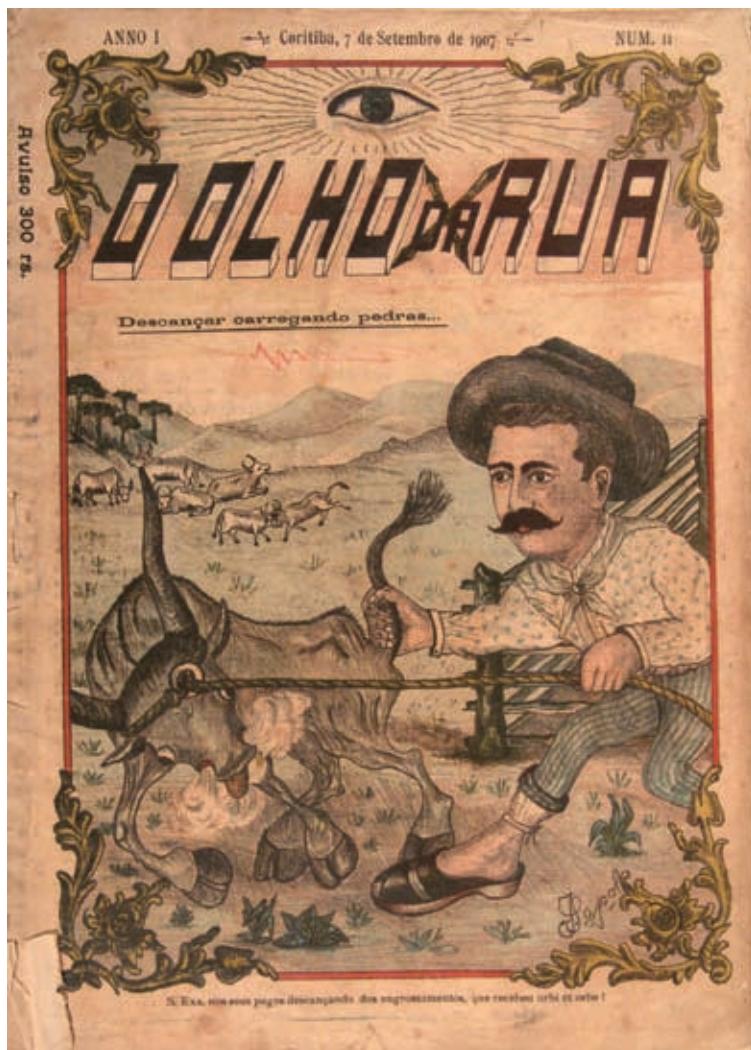
Barranca Pica-pau

Graveto – pinguela / ilegível

Genérico Marques (pensativo): Si puzer meu pé na pinguela... Estou nagoa.”

O maragato Genérico Marques do Santos, conjectura a respeito de sua adesão à Coligação Republicana, formada por pica-paus e maragatos, remanescentes da Revolução Federalista, para impedir que João Cândido Ferreira assumisse o governo do Paraná. Notem-se os pés grandes com que o político era comumente retratado, uma referência as suas bases políticas; a frágil pinguela que ele precisava atravessar para não cair nas águas turbulentas, ou seja, o cuidado na escolha para não cair no ostracismo político.

O Olho da Rua. Curitiba, 11 de maio de 1907.



"Descançar carregando pedras..."

S. Exa. nos seus pagos descansando dos engrossamentos, que recebeu *urbi et orbe!*"

Alusão às dificuldades do deputado João Cândido Ferreira para assumir a presidência do Estado. O touro simbolizaria os entraves impostos por seus antagonistas. Note-se a caracterização do político lapiano, que denuncia sua origem do interior. A expressão "urbi et orbe" significa à cidade e ao mundo.

O Olho da Rua. Curitiba, 7 de setembro de 1907.

Inseridas nesse discurso, estavam as queixas dos eleitores diante da falta de empenho dos políticos em defender os interesses do Estado. Durante a disputa de terras entre o Paraná e Santa Catarina, por exemplo, que se desenrolou desde o final do século XIX e culminou na campanha do Contestado, na década de 1910, diversas charges defendiam o território paranaense e se transformaram em instrumentos de contestação frente aos governos federal e estadual. Questionava-se a passividade dos políticos paranaenses ante a movimentação catarinense que, por longos anos, vinha requerendo parte do território vizinho.



“– Até as Santas são Gatunas!
– Que progresso!!!”

O Paraná e Santa Catarina, personificados, durante a questão de fronteiras, que resultou no conflito do Contestado. A representação de Santa Catarina com a auréola angelical, denunciando o pensamento anticlerical da revista, contrasta com sua atitude furtiva, lesando o Paraná, de parte de seu território. Note-se a santa ultrapassando o rio Iguaçu, limite entre os dois estados, e a atitude do Paraná, que caça borboletas, enquanto se mantém alerta em relação à Santa Catarina.

O Olho da Rua. Curitiba, 11 de maio de 1907.

É importante considerar que, naquele momento, a fixação de fronteiras seria primordial para o fortalecimento político do Paraná e para a construção de sua identidade.⁹² Com efeito, estudiosos consideram a fixação de limites essencial para a questão identitária. Etelvina Trindade, por exemplo, ressalta o Contestado como o momento da intensificação dos debates sobre o estabelecimento das fronteiras regionais:

A hora crucial da consolidação dessa questão no Paraná situou-se em pleno regime republicano, quando acontecia a agudização do nacionalismo em todo o país. O agora Estado do Paraná, acalmada sua disputa ao norte com São Paulo e com a Corte pela emancipação, retomava, ao sul, uma antiga questão de limites que já se colocava desde 1840 entre São Paulo e Santa Catarina, e anteriormente, entre São Paulo e Rio Grande do Sul.⁹³

De fato, desde a primeira metade do século XIX, Brasil e Argentina toleravam a indeterminação de seus limites.⁹⁴ Em 1857, com as primeiras negociações entre os dois países, teve início a Questão de Palmas. Por mais de trinta anos, se prolongaria essa disputa. No ano de 1895, a área contestada foi entregue ao Brasil. Até o desenlace favorável, porém, o governo brasileiro procurou prevenir-se, instalando colônias agromilitares na região, como a de Chapecó e Chopim.⁹⁵

Mal fora deliberada a Questão de Palmas com a Argentina, os campos de Palmas tornaram-se objeto de interesse de Santa Catarina. Nesse episódio, o discurso geográfico elaborado por políticos e intelectuais constituiu-se em “uma das mais importantes fontes para o esquadrinamento regional do Paraná. Os argumentos da geografia, apoiados por representações histórico-cartográficas,

⁹² Desde a criação da Província, em 1853, os intelectuais do Paraná vinham tentando forjar uma identidade para o Estado. A vinda dos imigrantes europeus, na segunda metade do século XIX, e a invasão de catarinenses alterando sua composição populacional, basicamente luso-brasileira, dificultava a definição de elementos que caracterizassem a região e seu povo. Dessa forma, a definição das fronteiras paranaenses, uma questão que se arrastava desde o Oitocento, quando desenrolou-se a “Questão de Palmas” e a área era invadida por argentinos em busca de erva-mate, adquiria contornos políticos e econômicos importantes.

⁹³ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Paranimidade ou Paranimismo? A construção de uma identidade regional. *Revista da SBPH*. Curitiba, n.13, 1997 p.69.

⁹⁴ O Tratado de Santo Ildefonso (1777) definiu as fronteiras, no Sul do Brasil, entre portugueses e espanhóis. Segundo ele, os rios Uruguai (antigo Goyo-Em), Paraná e um trecho do Iguaçu seriam os pontos fixos. Entre os rios Iguaçu e Uruguai, foi estabelecido que a fronteira passaria pelos rios Peperi-Guaçu e pelo rio Santo Antonio, seus afluentes. No entanto, nunca foi instalada nenhuma demarcação no território.

⁹⁵ WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 10 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p.187

passaram a ser considerados, por aqueles que o produziam, uma delimitação fiel e inquestionável do espaço do Paraná”.⁹⁶

Paralelamente à decisão jurídica travada no Supremo Tribunal Federal, travava-se uma guerra entre os habitantes da região, agravada com a concessão de terras feita pelo governo, em 1908, à empresa norte-americana Brazil Railway Company. Através desse acordo, a companhia recebeu 30 quilômetros de largura de terras para a construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul. Os caboclos que moravam nessas áreas foram violentamente expulsos e agruparam-se em torno da figura do monge José Maria, dando início a um movimento messiânico.

O acordo da região contestada foi selado, em 1916, com a intervenção do governo federal, e o relatório final da comissão de limites Paraná-Santa Catarina, apresentado em 1923. A reação paranaense conseguiu recuperar o sudoeste do Estado, porém teve que ceder 28 mil quilômetros de suas terras aos catarinenses.

Situações de perda e de fracasso como essa justificam os sentimentos de frustração e de abandono que tomavam conta dos cidadãos paranaenses. Alheios às decisões políticas, eles se transformavam em expectadores das tramóias e conspirações políticas. Sem perspectiva, restava-lhes a indagação: “Pra que é que serve eu votá?”⁹⁷

⁹⁶ SZESZ, Christiane Marques. *A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas - 1889-1920*. Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1997. p.6.

⁹⁷ O OLHO DA RUA. Curitiba, 14 mar. 1908, n.p.



"Mapa de Sta. Catharina

ZÉ PARANAENSE: - Julga então a sra. que me há de levar no embrulho com a sua tradicional perspicacia?!... Está muito enganada, sra. Catharina! Os seus planos já são muito conhecidos, e eu cá estou sempre prompto, de brocha em punho ... para corrigir esses seus enganos topográficos...

P'ra outra vez, quando confeccionar os seus mappas, não se esqueça de ... mim."

Importância da cartografia na definição de limites entre Paraná e Santa Catarina. A posse da região disputada garantiria maior prestígio político e econômico ao Estado.

O Olho da Rua. Curitiba, 3 de outubro de 1908.

Na página seguinte:

"Pedacinhos de ouro

Venha o meu arnez, a minha cotta e malha!
 Quero voz seguir, o meo cavallo é guapo!
 (Fallam cavalleiros: - Ríspida a batalha
 para o menestrel gíneteando um sapo...)
 Domingos Nascimento"

Charge elaborada sob influência do conflito do Contestado. O soldado paranaense, galhardamente domando um barriga verde, como ficaram conhecidos os catarinenses devido ao lendário Regimento Barriga Verde, criado no século XVIII, de cujo uniforme destacava-se o peitilho verde.

A Bomba. Curitiba, 12 de junho de 1913.

Pedacinhos de ouro

Venha o meu arnez, a minha cotta e malha!
Quero voz seguir, o meo cavallo é guapo!
(Fallam cavalheiros — Rispida a batalha
para o menestre! gineteando um sapo...)

Domingos Nascimento



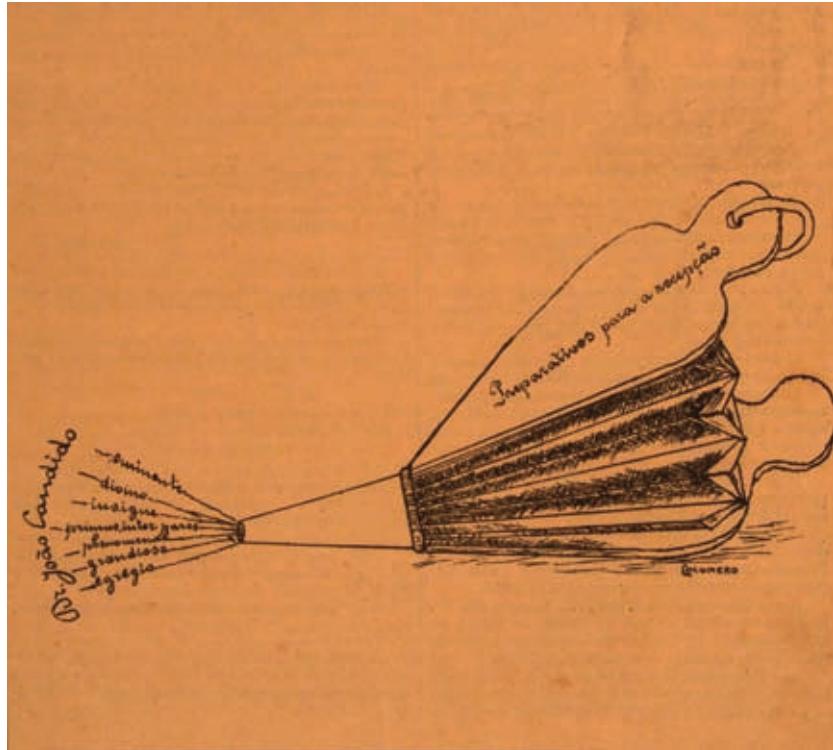
A invasão catharinense



Examinador: — Qual a capital de S. Catharina?
Examinando: — Coritiba.
Examinador: — Coritiba! Então Coritiba não é a capital do Paraná?
Examinando: — Isso foi antigamente, mas já sob o governo do Micado, passou a pertencer à S. Catharine ...

Crítica à passividade dos governantes do Paraná diante da perda territorial do Estado para Santa Catarina. “Micado”, título do imperador do Japão, se refere provavelmente a Afonso Camargo, presidente do Paraná durante o Contestado.

A Bomba. Curitiba, 10 de dezembro de 1913.



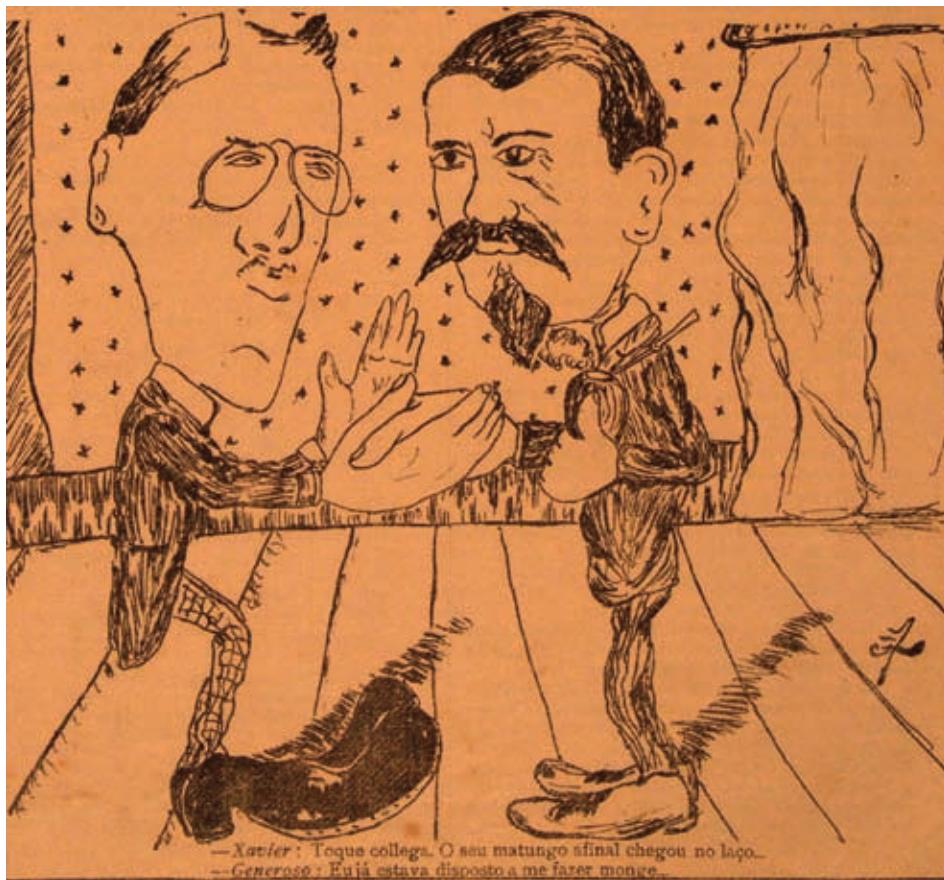
"Preparativos para a recepção

Dr. João Cândido

Eminente/divino/insigne/primus inter pares/phenomenal/grandioso/egrégio"

Referência à Coligação Republicana: o fole afasta João Cândido de sua recepção como presidente do Estado do Paraná.

O Olho da Rua. Curitiba, 24 de agosto de 1907.



“- Xavier : Toque collega. O seu matungo afinal chegou no laço...
- Generoso : Eu já estava disposto a me fazer monge...”

Charge sobre a Coligação entre pica-paus e maragatos. Xavier da Silva questiona Generoso Marques se o seu matungo isto é, cavalo ruim, comum, sem préstimo, referência a João Cândido, estaria sob controle, ou seja, teria aceitado renunciar ao cargo de presidente do Paraná. O comentário de Generoso, de querer se fazer “monge”, se coaduna com sua tendência em aliar-se a Xavier da Silva, apelidado de monge por sua personalidade reclusa e contida.

O Olho da Rua. Curitiba, 14 de março de 1908.

Na página seguinte:

“Actualidade política

As eleições de amanhã

Doria, Octavio, Serzedello, Felinto, João Candido e Outros. – Vamos ver, seo Alencar, quem tem mais garrafas vazias para vender...

Alencar, Generoso e Outros – Vocês hão de vencer mas ha de ser depois de terem passado por cima das bayonetas do nosso regimento de segurança...”

Discussão entre maragatos (primeiro grupo) e pica-paus (segundo grupo) sobre a eleição que escolheria o novo presidente do Paraná, em 1908.

O Olho da Rua. Curitiba, 21 de março de 1908.

O OFFÍCIO DE IMPRESSÃO

Impresso em machinas rotativas de Marinoni—Publicação semanal

Inventor: Parsonson

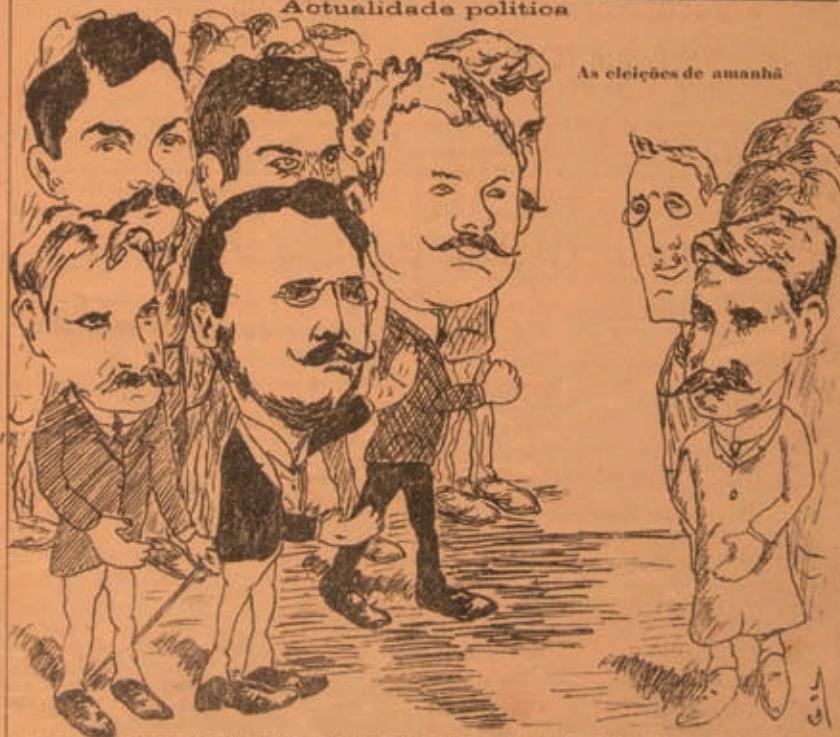
Anno II

Quinta, 21 de Março de 1902

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Rua M. Floriano n. 5

N.º 24

Actualidade politica



As eleições de amanhã

Dória, Octávio, Serzedello, Feltulo, João Cândido e outros.—Vamos ver, seu Alencar, quem tem mais garra-fas vaslax para vender...
Alencar, Generoso e outros.—Vocês hão de vencer mas hade ser depois de terem passado por cima das bayonetas do nosso regimento de segurança...



“S. EXA.

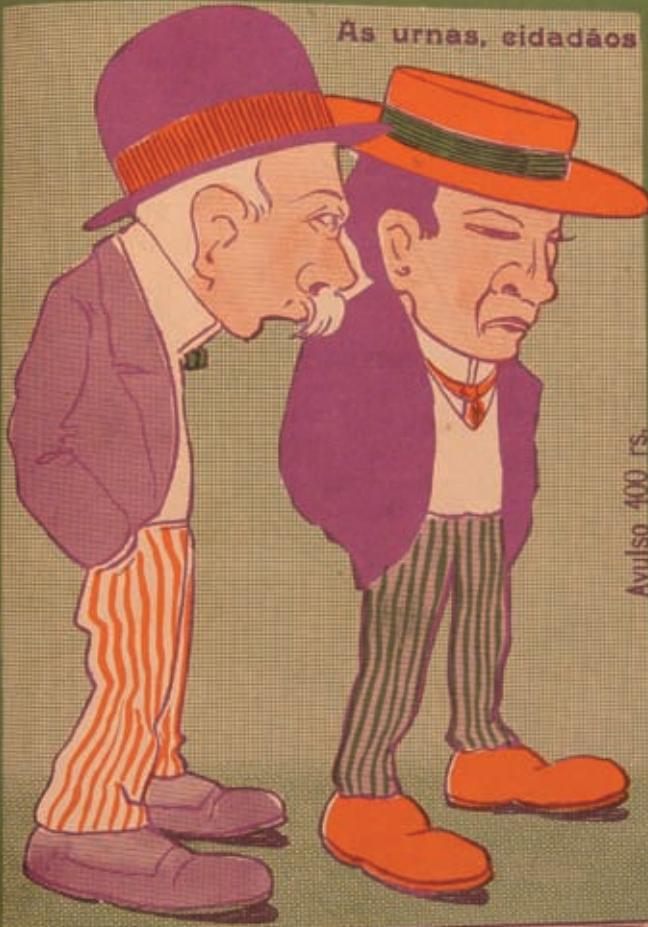
– Voluntário de manobras... políticas.”

Caricatura de Francisco Xavier da Silva, destacando sua manobra política, ao participar da Coligação Republicana, que o levou ao cargo de presidente do Paraná. O Olho da Rua. Curitiba, 11 de julho de 1908.

A BOMBA

Anno I Curitiba, 10 de Novembro de 1913 N. 16

As urnas, cidadãos



Avulso 400 RS.

—Que concorrência enorme às urnas nas eleições!
—Pudera! Se desde a véspera de finados esteve aberto o portão do cemitério.

Assim como já destacavam os chargistas de O Olho da Rua, em 1908, atos inescrupulosos continuaram a existir nas eleições, nos anos seguintes.

A Bomba. Curitiba, 10 de novembro de 1913.



Grupo de políticos integrantes da Coligação Republicana. Na frente, perdendo as rédeas, alusão à direção do Estado, aparece o presidente recém-eleito, Francisco Xavier da Silva. Atrás, aparecem seus correligionários, Claudino dos Santos, Luís Xavier e Bento José Lamenha Lins, que se apóiam nele e na carroça, representando o Paraná. Note-se “Zé Burro”, o povo que leva o Estado para a frente, e sua impaciência com a situação. “Gronga”: artefato malffeito de estrutura precária. “Pespegar”: assentar com violência. O Olho da Rua. Curitiba, 22 de agosto de 1908.

A Bomba

Propriedade de Marcello Bittencourt — Redacção: Rua Marechal Deodoro N. 36
ASSIGNATURAS
Anual: — 24000 Semestral: — 12000 Número avulso — 400 rs. Anúncio — 500 rs.
End. Teleg. Marcello Telephone N. 427 Caixa Postal U

Anno I

CORITIBA, 10 de Novembro de 1913

N.º 16

As eleições



— Fui votar, mas cheguei tarde. . .
— Então não votaste?
— Como não? Já haviam votado por mim.

“As eleições

— Fui votar mas cheguei tarde...

— Então não votaste?

— Como não? Já haviam votado por mim.”

A Bomba. Curitiba, 10 de novembro de 1913.



“Um eleitor cogitando

– Pra que é que serve eu votá?

– Eu voto, elle vota e elles... desvotam...”

Os eleitores aparecem frustrados diante das manipulações e fraudes que teriam ocorrido nas eleições.

O Olho da Rua. Curitiba, 14 de março de 1908.



“Generoso: – Meu filho, tu que és mais moço dá uma lição ao Caio, que me está botando mais raso do que o chão.

Enéas: – Sim, meu pae, a honra da familia esta em jogo. Cumprerei o meu dever aconteça o que acontecer...”

Neptismo: Generoso Marques dos Santos e Eneas Marques dos Santos, seu filho, dialogam sobre a oposição de Caio Machado frente ao governo do Estado.

O Olho da Rua. Curitiba, 22 de agosto de 1908.

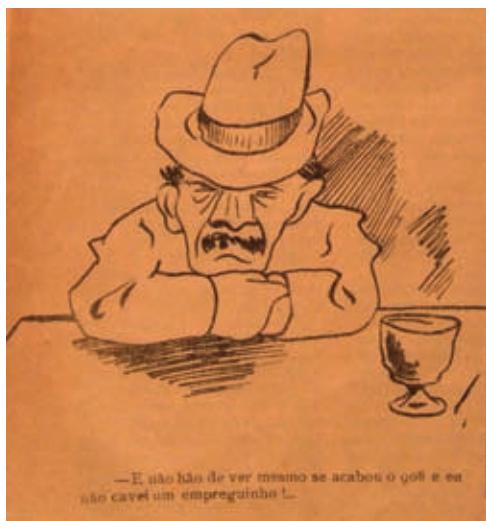


“- O Xavierzinho vai para o lugar do Lamenha, este vai para a Câmara dos desocupados (leia-se deputados) e o Saúde para o lugar do Xavierzinho.

E quem vai para a direcção da “Instrução Pública”?

– Qualquer pessoa, menos o Dario, o Lysimacho ou o Sebastião Paraná; estes são paranaenses...”

Troca dos cargos, no governo de Xavier da Silva, entre os políticos que apoiaram a Coligação Republicana. “Saúde” seria referência a Arthur Pereira de Cerqueira, então diretor da Instrução Pública, entre 1905 e 1912. Xavierzinho seria referência a Luís Xavier, e Lamenha, Bento José Lamenha Lins. Note-se a crítica à direção da Educação que não ficaria sob responsabilidade de renomados intelectuais da época, como Dario Velloso, Lisímaco Ferreira da Costa e Sebastião Paraná.



“- E não hão de ver mesmo se acabou o 908 e eu não cavei um empreguinho!...”

Crítica ao cabide de empregos no funcionalismo público.

O Olho da Rua. Curitiba, 1º de janeiro de 1909.



“- Por mais que cogite não posso descobrir o que o congresso fez de útil para o Estado...”

O Olho da Rua. Curitiba, 15 de abril de 1908.

Na página seguinte:

Bombeiro procura apagar os vícios da política. O jato de água, entretanto, se direciona somente para a fumaça, e não para onde estão as palavras. Tudo vira cortina de fumaça, que dificulta a visão do que realmente está acontecendo.

A Bomba. Curitiba, 12 de junho de 1913.

ABOMBA

Anno I
N. 1



Coritiba, 12 de Junho de 1913

Avulso 400 réis

(«Alcançou victoria no Jockey Club
Fluminense a egua paranaense—«Primavera»
Dos jornaes)



Reflexão de um philosopho:—Quando as
bestas de um Estado, devido á sua infe-
rioridade, não conseguem honral-o lá fóra,
deve o Estado enviar para lá os cavallos,
que o encherão de gloria e brilho,

Recurso da animalização, no texto, para exemplificar a frustração do eleitor em relação à atuação de seus governantes. A frustração também se manifesta no desenho que mostra o cidadão passivo, com as mãos no bolso, em atitude de espera.

O Olho da Rua. Curitiba, 12 de junho de 1913.

Na página seguinte:

“Ou sai ou racha...

J.Candido – Ou sai ou racha, ou esta cadeira vai abaixo! Ajude-me, seu Zé, a descalçar estas botas...

ZÉ – Boa vontade e muque não me faltam, e si não dou mais, V. Ex.ª d’ahi bem vê, é por estar este *chefe* aqui atraz a fazer-me *cocegas*...”

O personagem Zé, caracterização da população, oprimido e oculto, entre o poder do Estado, representado pela figura de João Cândido, que se nega a deixar seu posto de presidente do Paraná, e a carga tributária que lhe faz cócegas. Em atitude servil, Zé tira a bota do saneamento, associando uma relação de senhor e subordinado. Mesmo pedindo ajuda de Zé, ele sabe o que dificulta: os impostos. Ao fundo, dois personagens observam a cena com descrédito.

O Olho da Rua. Curitiba, 11 de maio de 1907.

O OLHO DA RUA

Ou sai ou racha...



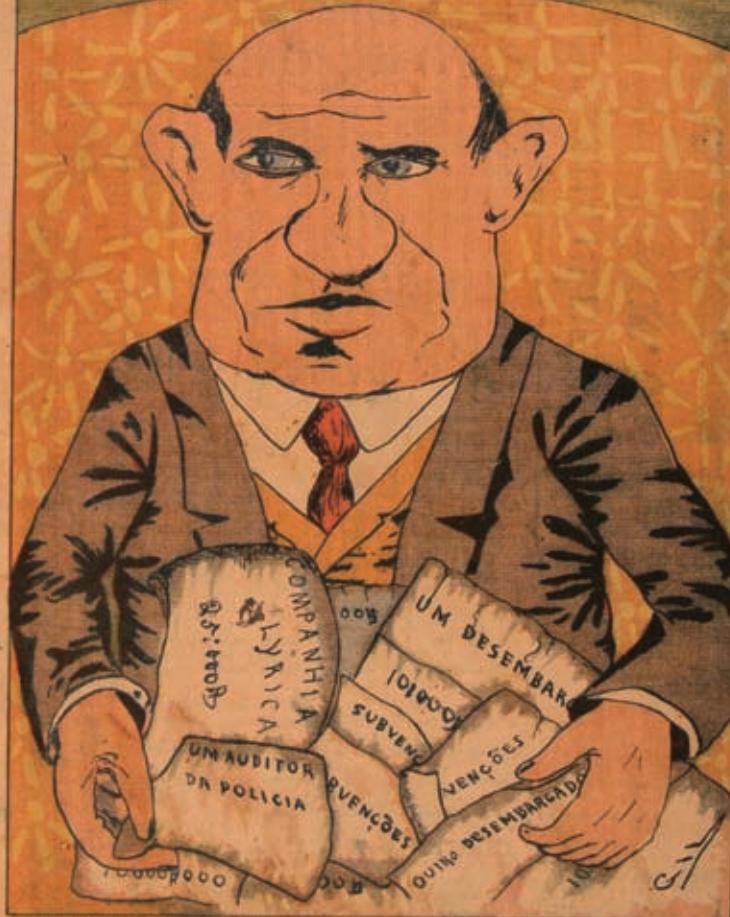
HEROLD
CURYTBÁ 907

J. CANDIDO — Ou sai ou racha, ou esta cadeira vai abaixo! Ajude-me, seu Zé, a decalçar estas botas...
ZÉ — Bôa vontade e moque não me faltam, e si não dou mais, V. Ex.ª d'ali bem vê, é por estar este chefe aqui atrás a fazer-me cocegas...

Avulso 200 rs.

O OLHO DA RUA

Avulso 300 rs.



Enquanto o sr. Congresso Legislativo abre as mãos concedendo grossas subvenções, creando logares inúteis, enfim, esbanjando prodigamente os dinheiros do Estado, o pobre Thesouro geme dolorosamente na mais desgraçada miséria...

“Enquanto o sr. Congresso legislativo abre as mãos concedendo grossas subvenções, creando logares inúteis, enfim, esbanjando prodigamente os dinheiros do Estado, o pobre Thesouro geme dolorosamente na mais desgraçada miséria...”

O Olho da Rua. Curitiba, 15 de abril de 1908.

Cenas do cotidiano da vida moderna

Os caricaturistas, além de satirizarem os paradoxos presentes na idéia de progresso e de modernidade, pluralizando os pontos de vista sobre a implantação de novos sistemas técnicos, voltaram-se para a heterogeneidade e complexidade da população que circula/transita pela cidade. Elegeram a rua, ou melhor, o limiar entre a rua e a casa, os salões, bares, teatros, como espaço privilegiado do olhar.⁹⁸

Chargistas e caricaturistas encontraram, nas revistas de seu tempo, um importante meio de divulgação e de crítica do cotidiano das cidades. Apresentam-se em evidência, os habitantes urbanos transformados em atores sociais, ao serem retratados sobre os mais variados assuntos que afligiam a então vida moderna na capital paranaense – saúde, higiene, carestia, conflitos sociais.

O escritor Euclides Bandeira, pode-se dizer, era um desses observadores do cotidiano alheio. Aprender a cidade, a partir de uma esquina qualquer da Rua 15 de Novembro, então a principal via de comércio e de lazer da Curitiba dos anos de 1900, lhe dava grande satisfação.

As suas apreensões encontram-se registradas em *O Olho da Rua*, sob diferentes formas. Para a revista publicada em 13 de abril de 1907, por exemplo, Bandeira escreveu “A esquina”, crônica em que expressa sua emoção em presenciar a modernização de Curitiba. Uma cidade, segundo ele, que vibrava, erguia-se por meio dos sobrados de estilo eclético, deixando para trás o velho casario colonial. Ela se embelezava com vitrines exibindo a moda da capital federal, e se movimentava com o auxílio dos bondes e automóveis.

A memorialista América da Costa Sabóia, ao relembrar a Curitiba desse período, comenta a atitude contemplativa do escritor. Sabóia conta que via o jornalista todas as manhãs, ao passar pela sua casa, na esquina da Rua Dr. Muricy com a Rua 15: “numa casa de estilo colonial, avistava eu todas as manhãs ao passar, o poeta e jornalista sentado em atitude hierática entre a cortina e a janela, de chapéu à cabeça, olhando a Rua 15. E eu me perguntava: por que será que ele ali se postava, em adoração a sua cidade e a sua querida Rua 15, a rua que ele tanto amou e tão bem ficou em

⁹⁸ QUELUZ, Marilda Lopes Ribeiro. *Traços urbanos: a caricatura em Curitiba no início do século XX*. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002. p.102

seus escritos”.⁹⁹

Dessas observações, provavelmente Bandeira elegia os assuntos que trataria nas charges que elaborava para *O Olho da Rua*, denunciando sua percepção da transformação da urbe.¹⁰⁰ Percebe-se que Bandeira, assim como os demais caricaturistas do periódico, procurou captar o corriqueiro, o usual e, assim, destacar que, sob o véu da modernidade que caía sobre Curitiba, a cidade ainda tinha muitos problemas para resolver.

A saúde pública, por exemplo, uma das preocupações das autoridades sanitárias, era considerada fundamental para a riqueza e prosperidade do Estado. Dessa forma, para modernizar e civilizar Curitiba, era preciso higienizar. Inserida nesse contexto, estava a “questão do leite”.

Ana Maria Ganz e Angela Lúcia Ganz, trabalhando com as práticas sanitárias normatizadoras sobre a produção do leite, em Curitiba, comentam: “Na literatura médica da época, a “questão do leite” esteve relacionada com as moléstias que atacavam a população curitibana. A ingestão de um leite animal contaminado podia ocasionar doenças como a tuberculose, o tifo, a escarlatina, a aftosa, a cólera e a gastroenterite infantil.”¹⁰¹

Com efeito, o alto índice de mortalidade infantil, em 1912, alertou a sociedade curitibana para a definição de práticas sanitárias que controlassem a produção e comercialização do leite. A bebida era apontada como a principal causadora da gastroenterite infantil.

Das medidas profiláticas tomadas, destaca-se a criação de um laboratório de análises químicas e microscópicas. Fundado em 1906, o laboratório foi organizado somente três anos mais tarde. Sua função era garantir a higiene, analisar quimicamente os alimentos e controlar as moléstias epidêmicas. A fiscalização sanitária era rigorosa no exame da qualidade do leite, um produto que exigia o máximo de cuidados. Adulterações do leite, com o acréscimo de água e o mau estado de saúde e de higiene do gado leiteiro representavam questões a serem observadas nessa fiscalização.

Em 24 de dezembro de 1913, fundou-se, em Curitiba, a instituição Gota de Leite. Assim como outras existentes na Europa e nos Estados Unidos, sua função era a de manter vigilância sobre a

⁹⁹ SABÓIA, América da Costa. *Curitiba de minha saudade: 1904–1914*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1978, p.54.

¹⁰⁰ Como o escritor escreveu, em 1910, Curitiba transformava-se de “caboclinha de olhos azuis” em afamada “cortêsã”.

¹⁰¹ GANZ, Ana Maria; GANZ, Ângela Lúcia. A “questão do leite” em Curitiba: o saber preventivo e a resistência cotidiana. Projeto: “O viver em uma sociedade urbana – Curitiba/ 1890-1920”. *Boletim do Departamento de História*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, mar. 1989, p.30-31.



- Dizem que a causa da mortalidade infantil é o leite ou a água . . .
- Deve ser a água. Foi a causa da morte do meu pequeno.
- Como assim?
- Foi tratado pela homeopathia.

saúde infantil, vistoriar estábulos e distribuir gratuitamente leite esterilizado às famílias carentes. A Gota de Leite também funcionava como escola para as mães, que recebiam instruções sobre a higiene das crianças.

Percebe-se, nesse sentido, que a nova Curitiba procurava adequar-se às medidas higienistas em voga. Entretanto, é importante levar em conta a receptividade da população a essas medidas. Diante do controle sanitário, os leiteiros organizaram uma greve, em dezembro de 1913. Dentre as reclamações, questionavam o regulamento sanitário, queixavam-se dos fiscais do leite e da obrigatoriedade de doar uma garrafa de leite, diariamente, para o Hospital de Misericórdia da capital. Também havia solicitações incoerentes, como a da Prefeitura, de exigir estábulos com instalação de água e esgoto, quando, na verdade, nos arrabaldes onde moravam, sequer havia esses serviços.¹⁰² Para apaziguar os ânimos dos grevistas, o poder público reviu algumas questões do controle higienista do leite, e o movimento se encerrou naquele mesmo mês.

Assim como a questão do leite, outros assuntos polêmicos do cotidiano da cidade encontram-se registrados nas charges da revista *A Bomba*, como a referência ao alto custo de vida. De fato, a carestia dos gêneros de primeira necessidade, como o pão e a carne, foram motivo de protestos e discussões na Praça Tiradentes, local onde o povo se reuniu, em 3 de maio de 1913, para reclamar do reajuste desses produtos.

A Praça Tiradentes, a mais antiga da cidade, também foi cenário de fatos inusitados, como o ocorrido em 8 de setembro de 1913, durante as comemorações do dia da padroeira de Curitiba, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

Às 6 horas da tarde, após o término da procissão, no interior da Catedral, localizada ao lado da praça, um certo João Ildefonso Miranda foi acometido de uma crise de violência. Negando-se a sair do templo, começou a esbravejar, assustando os fiéis que ali se encontravam. Enquanto alguns tentavam acalmar o povo, uma senhora teve um ataque histérico. O grito da mulher ecoou pela igreja, estridente, dando origem a um pânico brutal. As pessoas, ao tentarem sair, às pressas, deram de encontro com curiosos que estavam do lado externo e que, ao ouvirem os gritos, queriam entrar no templo. Desse confronto, alguns caíram nos degraus da Catedral, outros foram pisoteados,

¹⁰² GANZ, Ana Maria; GANZ, Ângela Lúcia. A “questão do leite” em Curitiba: o saber preventivo e a resistência cotidiana. Projeto: “O viver em uma sociedade urbana – Curitiba/ 1890-1920”. Boletim do Departamento de História. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, mar. 1989, p. 41.

A crise e a economia



— Quanto custa uma chicara de café com leite?
— Cem reis.
— E' caro. E sem leite?

Problemas do cotidiano, como a carestia da vida moderna, eram assinalados pelos chargistas da época.

A Bomba. Curitiba, 30 de novembro de 1913.

dando origem a um grande tumulto que viria a repercutir amplamente na imprensa.

O *Diário da Tarde* registrou, no dia seguinte, o trágico acontecimento. Segundo o jornal, após o tumulto, os feridos foram transportados para os bancos da Tiradentes, onde estava o chefe de polícia e seu delegado auxiliar. Estes solicitaram, à força policial, um cordão de isolamento, impedindo o acesso à Catedral, contendo a multidão.¹⁰³

O saldo do ocorrido pode ser medido pelo detalhamento dos nomes dos feridos e de suas condições de saúde, que foram visitados em suas residências pelos repórteres do jornal. A comicidade do fato ficou por conta dos objetos que o bispo D. João Braga entregou no posto central da Praça Zacarias, para serem devolvidos aos seus donos: 1 bolsa contendo 300 réis, 1 chave e 1 lenço, 3 chapéus de criança, 1 dentadura, 1 xale de lã, 4 pés de sapato, dentre outros pertences.

Brigas, protestos, greves, vigilância sanitária. O cotidiano da Curitiba moderna do começo do século XX não difere muito do dos dias atuais. Conviver com ele, e administrá-lo, era um desafio a ser superado.

¹⁰³ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 9 set. 1913, p.3



“De volta da festa da Cathedral. “

O tumulto ocorrido no interior da catedral, em 8 de setembro de 1913, quando Curitiba celebrava o dia de sua padroeira, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, causou tamanha confusão e pânico, que muitos fiéis saíram feridos.

A Bomba. Curitiba, 20 de setembro de 1913.



“Veja lá. O que falta para você no corpo, sobra-me a mim no nariz...”

Ironia e comicidade marcavam as charges das revistas, como nesta, que satiriza os tipos físicos. O Olho da Rua. Curitiba, 14 de março de 1907.

Na página seguinte:

Palavras de duplo sentido era uma característica dos diálogos que ilustravam as charges.

A Bomba. Curitiba, 30 de outubro de 1913.

A BOMBA

Anno I Coritiba, 30 de Outubro de 1913 N. 15

O caftismo



Avulso 400 rs.

- E' como lhe digo: vivo do caftismo. . .
- Então o sr. é caften?
- Alto lá! Não confunda. . . Sou dono de um café. . . Por signal que rende muito.

as Pombas

E. Salto

Propriedade de Marcello Bittencourt — Redacção: Rua Marechal Deodoro N. 36

ASSIGNATURAS

Anual: — 14'000 | Semestral: — 8'000

End. Teleg. Marcello

Numero avião — 941 rs. | Atrazado — 500 rs.

Telephone N. 420

Caixa Postal: 11

Anno I

CORITIBA, 20 de Novembro de 1913

N.º 17

No five-o'clock do Bouquet



—Sempre veio à nossa festa, coronel! Ora viva! Que é que deseja?
—Eu, senhorita? Eu só quero experimentar o tal five-o'clock que ainda não conheço...
Mas só um pedacinho...

Malícia e sátira, com duplo sentido, em torno de um dos problemas de saúde pública, que até hoje afligem a sociedade: a febre aftosa. A disseminação da doença, no gado, influenciava os hábitos da população, que tinha que substituir a carne por outro alimento.

A Bomba. Curitiba, 1º de julho de 1913.



Na página anterior:

O Grêmio Bouquet era formado pelas senhoritas do Clube Curitibano que costumavam organizar festas beneficentes. O “five-o-clock tea” era um dos eventos realizados pelo grêmio, e o Passeio Público um dos locais preferidos para a sua realização. A ironia é percebida na fala do homem que, apesar de bem trajado, de acordo com os padrões de civilidade da época, ignorava o que era o tal “five-o-clock”.

A Bomba. Curitiba, 20 de novembro de 1913.

Na página seguinte:

Associação entre o custo de vida, e os incêndios que ocorriam na cidade, que dificilmente podiam ser controlados, pois faltavam água encanada e equipamentos para os bombeiros. As sombras dos interlocutores podem sugerir as segundas intenções, implícitas na conversa: com o incêndio da casa, o homem receberia o dinheiro do seguro para saldar suas dívidas.

A Bomba. Curitiba, 30 de novembro de 1913.



A sociedade sob o olhar de Chichorro

Referência nos estudos que versam sobre charges e caricaturas no Paraná e, especialmente, em Curitiba, o jornalista, poeta e chargista Alceu Chichorro, falecido em 1977, já foi alvo de inúmeras homenagens na capital. A Casa Romário Martins, espaço da Fundação Cultural de Curitiba, em 1975, realizou exposição que destacava sua produção caricatural. Na ocasião, foi lançado o boletim da Casa Romário número 12, *Chichorro e seus calungas*.

Embora tenha se aposentado como funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos, a dedicação de Chichorro para as artes era perceptível nos seus trabalhos desde a infância. O artista nasceu em Curitiba, em 21 de junho de 1896, na antiga Rua Aquidaban, atual Emiliano Pernetá. Aluno peralta, freqüentou escolas renomadas e notórias pela disciplina rígida de seus mestres, como a Escola Americana e o Ginásio Curitibano. Na Escola de Aprendizes e Artífices, fez curso de escultura com Pascoal Rispoli e de desenho com Alfredo Andersen, Augusto Cobbe e Augusto Huebel.

Aos dezessete anos, ingressou em *A Tribuna*, como repórter e fotógrafo, destacando-se ao registrar a visita de Santos Dumont, a Curitiba, em 7 de maio de 1916.¹⁰⁴ No mesmo ano, publicou, nesse jornal, seus primeiros versos e iniciou sua colaboração humorística.

Com o fechamento de *A Tribuna*, trabalhou como repórter policial e escritor de sonetos e contos no *Comércio do Paraná*, até 1919. No ano seguinte, deu continuidade a esse ofício no *Diário da Tarde*, e na *Gazeta do Povo*, a partir de 1923.¹⁰⁵ Em uma das seções desse jornal, passou a usar o pseudônimo Eloy de Montalvão, em homenagem a sua mãe.¹⁰⁶ Foi, contudo, em *O Dia* que Chichorro deixou impressa a sua marca. Fundado em 1923, *O Dia* foi o primeiro jornal paranaense a possuir sua própria clicheria, dando ênfase às ilustrações. Chichorro trabalhou ali trinta e cinco anos, desenhando títulos, caricaturas e charges sob o pseudônimo de Eloy, e publicando uma de

¹⁰⁴ BÓIA, Wilson. Alceu Chichorro. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1998, p.17.

¹⁰⁵ Sete anos depois, Chichorro não fazia mais parte do quadro de funcionários da Gazeta, retornando a esse jornal, na década de 1960, com a publicação de suas charges.

¹⁰⁶ Em entrevista ao Museu da Imagem e do Som (MIS), em fevereiro de 1971, Chichorro comenta a origem do pseudônimo: Eloy fazia parte do sobrenome de sua mãe, Francisca Hosana Eloy Chichorro, e era usado em suas charges e caricaturas. Wilson Bóia, autor do livro Alceu Chichorro, entretanto, se refere à mãe de Chichorro como Francisca Hosana Rodrigues, e cita o nome da avó do caricaturista como Carolina Elói Oliva de Medeiros.

suas mais famosas seções, a *Gravetos e Fagulhas*.¹⁰⁷

Um dos ingredientes de seu sucesso foi a idealização de personagens que interagiam com as cenas que retratava. A grande repercussão de Chico Fumaça, seu calunga de maior destaque, fez com que o artista fosse confundido com sua criação. Nomes de jornais, de bares, embalagens e tema de escola de samba do carnaval curitibano eram uma evidência do êxito do homenzinho de chapéu coco, bigodinho a la Chaplin, e calça listrada. Acompanhado de seu cachorrinho Totó e de sua tia, Dona Marcolina, o Fumaça conquistou os paranaenses.¹⁰⁸

A repercussão do trabalho atravessou fronteiras. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, seus desenhos alusivos ao conflito chegaram a ser divulgados em um jornal londrino.

Esse episódio remete à função da charge como meio propagandístico e influenciador de opiniões. Analisando a charge pelo viés psicanalítico, o historiador Vinicius Liebel, ao estudar a repercussão dessa produção artística na sociedade, destaca os estudos de Freud sobre a natureza do humor, suas ações e influências no inconsciente. Nas palavras de Liebel, para o psicanalista, “o riso seria um liberador das emoções reprimidas”.

Nesse sentido, a crítica mordaz das charges encontra a simpatia de seus apreciadores, que riem por considerá-las expressão de revolta contra a autoridade, e de ironia sobre as figuras políticas poderosas. No caso da Segunda Guerra Mundial, a caracterização de Adolf Hitler beirando o ridículo era usual, gerando uma situação de inferioridade, transformando o ser político em um ser bizarro e cômico.

Ao trabalhar com as imagens elaboradas por Chichorro, sobre a guerra, o historiador ressalta dois momentos distintos do artista, nas charges que produziu sobre o regime nacional-nazista. O primeiro, entre 1933 e 1942, abrange a ascensão de Hitler até sua posse no cargo de chanceler. Nessa fase, suas caracterizações e abordagens são consideradas muito brandas. Na opinião de Liebel, a “origem de tal amenidade no trato do assunto tem várias possibilidades, que vão desde uma orientação editorial voltada ao público curitibano, que tinha visões otimistas acerca do regime

¹⁰⁷ Para assinar seus escritos, ele escolheu Eloy de Montalvão, e explica, ironicamente, que Montalvão era para atribuir a si próprio um aspecto de nobreza. Por sua dedicação à literatura, Chichorro foi convidado para ingressar no Centro de Letras do Paraná, em 1935 e, no ano seguinte, na Academia Paranaense de Letras.

¹⁰⁸ O calunga Chico Fumaça estreou em 1926. Seu nome foi escolhido por Chichorro por representar uma crítica mordaz, daquilo que não é nada, é fumaça. Além de Fumaça e seus companheiros, Chichorro criou outros personagens, que não tiveram grande repercussão, como Tancredo, baixinho, desbarrigado, de idade madura; Minervinho; Buscapé, um garoto vestido de marinheiro, e o nenê gorducho Bidonga.

alemão, até uma possível simpatia velada do autor para com a ideologia nazista. As razões para este comportamento de seus desenhos, entretanto, não passam de conjecturas”.¹⁰⁹

O segundo momento tem início com a entrada do Brasil na guerra, em 1942. Os desenhos então passaram a criticar e satirizar o regime de Adolf Hitler e seus aliados. A ironia refinada de Chichorro, e o humor sadio que imprime as suas charges, beira à inocência.¹¹⁰ É essa fase que procuramos enfatizar, por meio dos desenhos que ilustram este trabalho.

Envolvido também com temas da política local e nacional, Chichorro soube utilizar-se das charges e caricaturas para satirizar as manobras dos parlamentares de altos cargos no então cenário nacional, como Getúlio Vargas, Ademar de Barros e José Américo, personagens que dominaram a política brasileira na década de 1930 até o início da década de 1950.

Nesse período, o país esteve sob o regime do Estado Novo, implantado em 1937, quando o Congresso Nacional foi fechado por Vargas, e se preparou para as eleições presidenciais de 1945.¹¹¹

Carismático, Vargas viria a se transformar na grande figura da República, o chefe de Estado apoiado pelo povo. Nesse processo de construção do mito Vargas, procurou-se desenvolver a idéia da Nação como uma grande família, e a se utilizar de artifícios para concretizá-la. Em vista disso, ele era tema de muitas caricaturas. Sobre esse assunto, a historiadora Angela de Castro Gomes comenta:

Vargas torna-se, mesmo no período do Estado Novo (e mais ainda em seu segundo governo), uma figura muito freqüente em caricaturas que exploram suas “habilidades” de fazer política: para o bem e para o mal. Ele é personagem de peças de teatro de revista e de marchinhas populares, e objeto de histórias e piadas que demarcam e combinam amor e ódio. (...) Dessa forma, Vargas era matreiro, desconfiado, inteligente e onisciente; era sério, mas vivia sorrindo; era honesto e desonesto; carinhoso e violento; ditador e até democrata.¹¹²

¹⁰⁹ LIEBEL, Vinícius. As charges e a influência do humor durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: www.anpuhpr.uepg.br/regional/anais-ixeranpuhpr-sumário.pdf. Acesso em 22 nov. 2007.

¹¹⁰ Id.

¹¹¹ No dia 29 de outubro de 1945, Getúlio Vargas foi deposto por um golpe militar. No dia 2 de dezembro do mesmo ano, realizaram-se eleições para o parlamento e presidência, nas quais Getúlio foi eleito senador, e Eurico Gaspar Dutra, presidente da República. Em 1951, Vargas retornou à presidência pelo voto popular.

¹¹² GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz & Novais, Fernando A. (Org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.4, p. 536-537.

Outro assunto que povoa o trabalho de Chichorro é a figura feminina na sociedade. Elaborados a partir dos anos de 1920, os desenhos que selecionamos deixam entrever sua opinião sobre a mulher. Opinião que mostra um artista celibatário, avesso ao casamento, mas que, mesmo ao revelar sua visão em relação ao sexo oposto, deixa entrever as mudanças de comportamento da mulher moderna. Em muitas caracterizações que fez, o corpo da mulher ganha destaque, sob os vestidos transparentes, evidenciando sua admiração pelos contornos femininos.

Segunda Guerra, política, mulher. Dos objetos de análise das charges que Chichorro criou, destacaram-se estes assuntos, porque eles sobressaem em sua produção gráfica. Reconhecido por seus traços firmes e monocromáticos, e os temas polêmicos que lhe renderam alguns processos jurídicos durante sua vida, o trabalho de Chichorro se transformou em um interessante retrato da sociedade da época. Irreverente e sagaz, ele é presença obrigatória nos estudos que analisam charges e caricaturas como objeto de contestação e de denúncia sobre as dificuldades e os dilemas que afligem nossa sociedade.



O Jazz. Curitiba, 10 de julho de 1926.

Sentimentalidade

(de) Belmiro Braga



«Teu coração é morada
Que não atrái, felizmente:
Quem nele arranja pousada
Encontra a cama ainda quente»...

CABELLUDA...

—Mas a senhora tem muito cabelo por baixo!

—Como é que o sr. sabe disso?



O Jazz. Curitiba, 10 de julho de 1926.

Questão de jogo...

ELLE—Porque não loste assistir o jogo dos paulistas?

ELLA—Por que o MEU JOGO é com um parahybano!...

O Jazz. Curitiba, 20 de julho de 1926.

NUDISMO...



— Sabes que o nudismo é uma grande vantagem ?

— Economica ?

— E prática... A minha amiga Margô, operou-se do apendice, sem ser preciso despir-se!...

RAIOS X



—Mas minha filha, este teu vestido está muito transparente...

—E' que eu vou ao medico e assim elle não precisa aplicar o raio X...

O Jazz. Curitiba, 10 de julho de 1926.

A Recepção

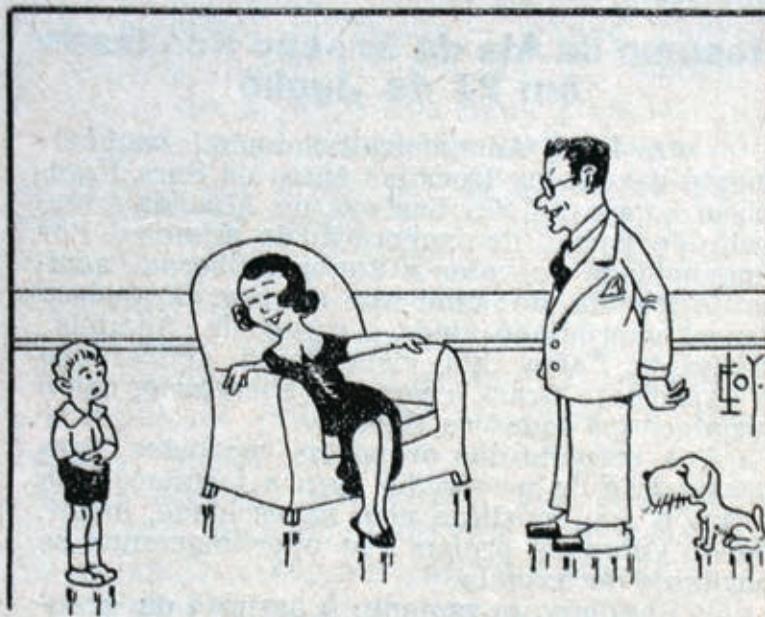


—Olha que já são horas da recepção. Não te vaes vestir?

—Óra essa! Já vem você com as tuas novidades. Então para receber é preciso estar vestida ?...

O Jazz. Curitiba, 20 de julho de 1926.

Perspicacia infantil...



— Joãosinho, não está na hora de você tomar o chá ?
— Não,.. Agóra é hora de eu sair daqui, porque o doutor chegou !...
E. DE M.

O solteirão ...



- *Por que o senhor não se casa ?*
- *Porque não temos o divórcio ?*
- *E si tivéssemos ?*
- *Casaria para divorciar-me !...*

Desfeito . . .



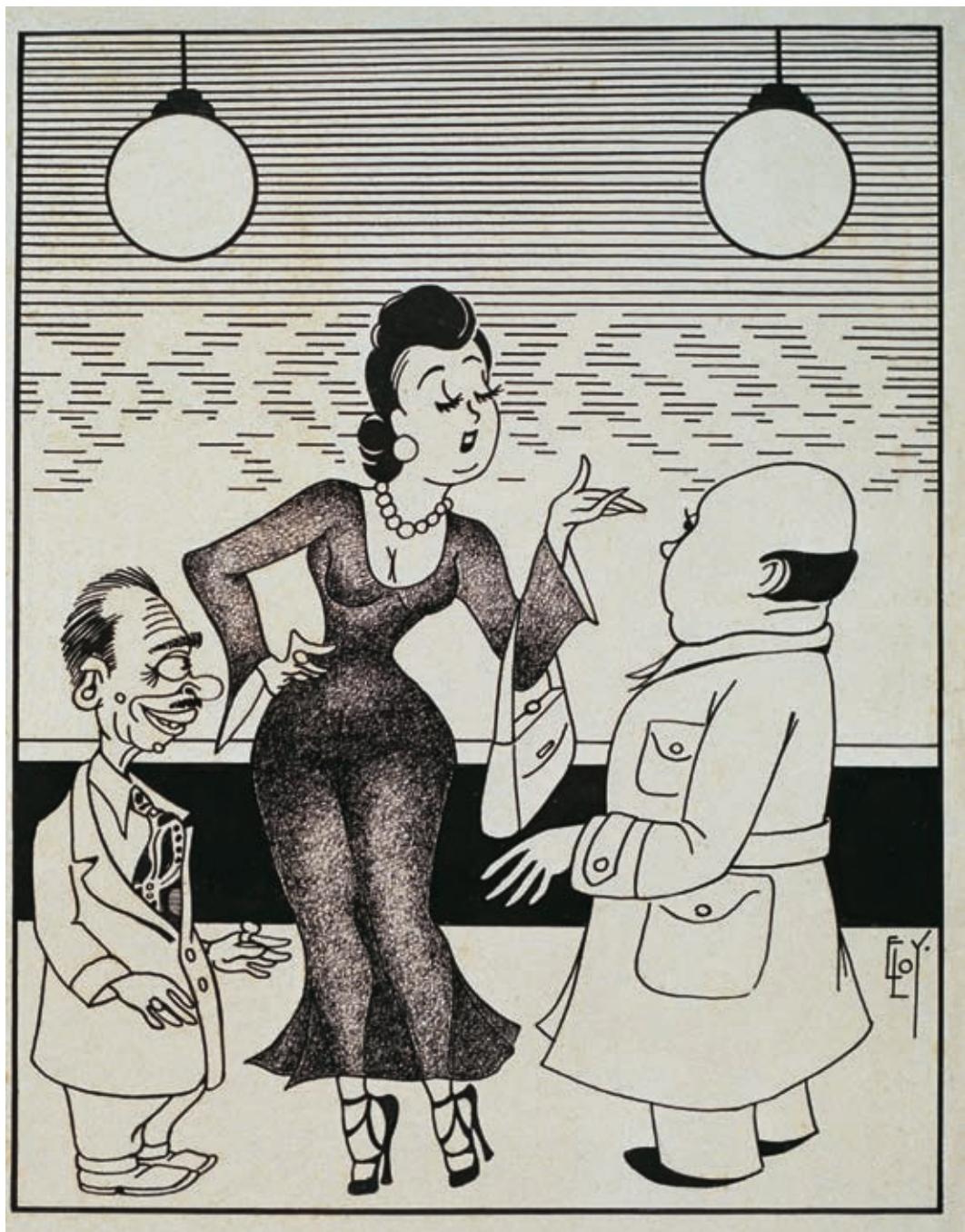
— Então o senhor desmancha o casamento sem nenhum motivo ?
— Sem motivo, virgula... E' que o projeto do divórcio não passou na Constituinte. . .

Correio dos Ferroviários. Curitiba, julho de 1934.

Acervo: Biblioteca Pública do Paraná

Nas páginas seguintes:

Desenhos originais de Chichorro, destacando a mulher moderna e a liberdade feminina em expor seu corpo. Note-se a imagem que apresenta a mulher de calças compridas, um dos símbolos de emancipação feminina refletido na moda.









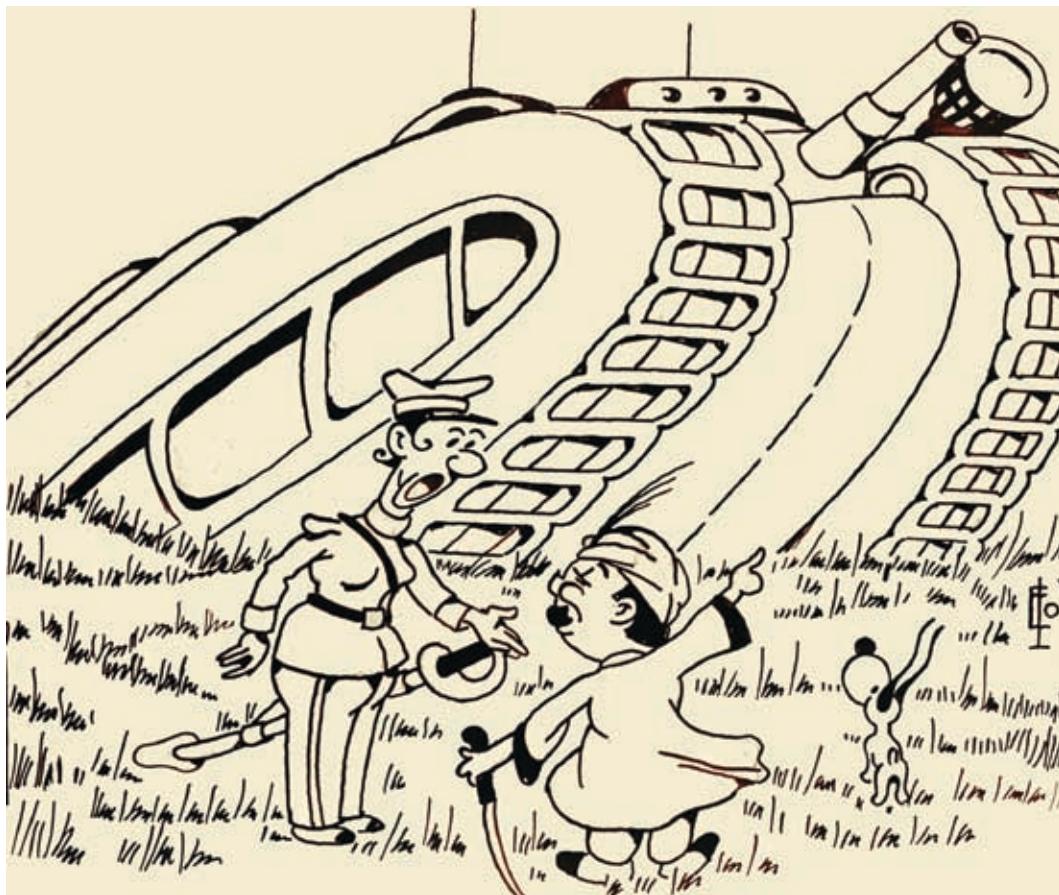
Na página anterior:

Personagens criados por Alceu Chichorro para compor as suas charges: a rabugenta Dona Marcolina, geralmente com rolo de macarrão na mão; Chico Fumaça, nome escolhido pelo artista para representar uma crítica mordaz, daquilo que não é nada, é fumaça; o cachorrinho Totó, companheiro inseparável de Chico Fumaça.

Associação entre o cotidiano das cidades, como a celebração das datas comemorativas e a Segunda Guerra. Note-se a assinatura de Eloy, pseudônimo de Chichorro.



Chico Fumaça e seu cachorrinho Totó, representado como uma anta. O animal foi adotado como *símbolo da modernidade*, e representava um elogio aos elementos da fauna e flora nacionais. Essa idéia também influenciou o movimento paranista. Na charge, Chichorro se apropria desse símbolo para satirizar os artistas e os intelectuais que participaram do movimento.



Nos trajes de Dona Marcolina e de Chico Fumaça, menção à Segunda Guerra, tendo como pano de fundo o tanque de guerra que domina a cena.



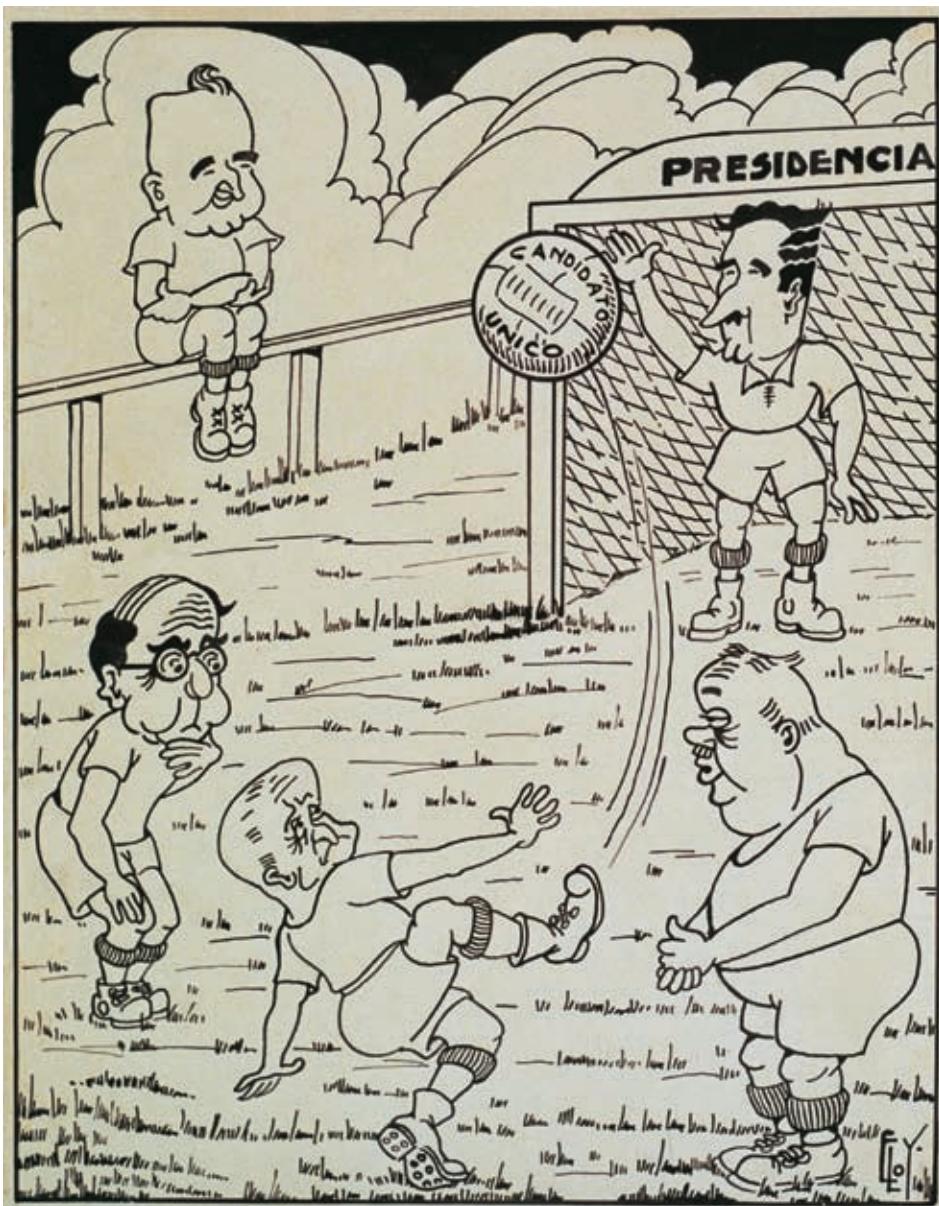
À direita, fumando, Getúlio Vargas. À esquerda, de óculos, segurando seus discursos, o político situacionista, José Américo de Almeida. Atrás do canhão que simboliza a disputa pelo governo, se sobressai o paulista Ademar de Barros, de bigode, e a sua direita, Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra de Vargas. Note-se o torpedo, identificado como “impeachment”, a ser colocado no canhão para tentar uma possível sucessão presidencial, em 1937.



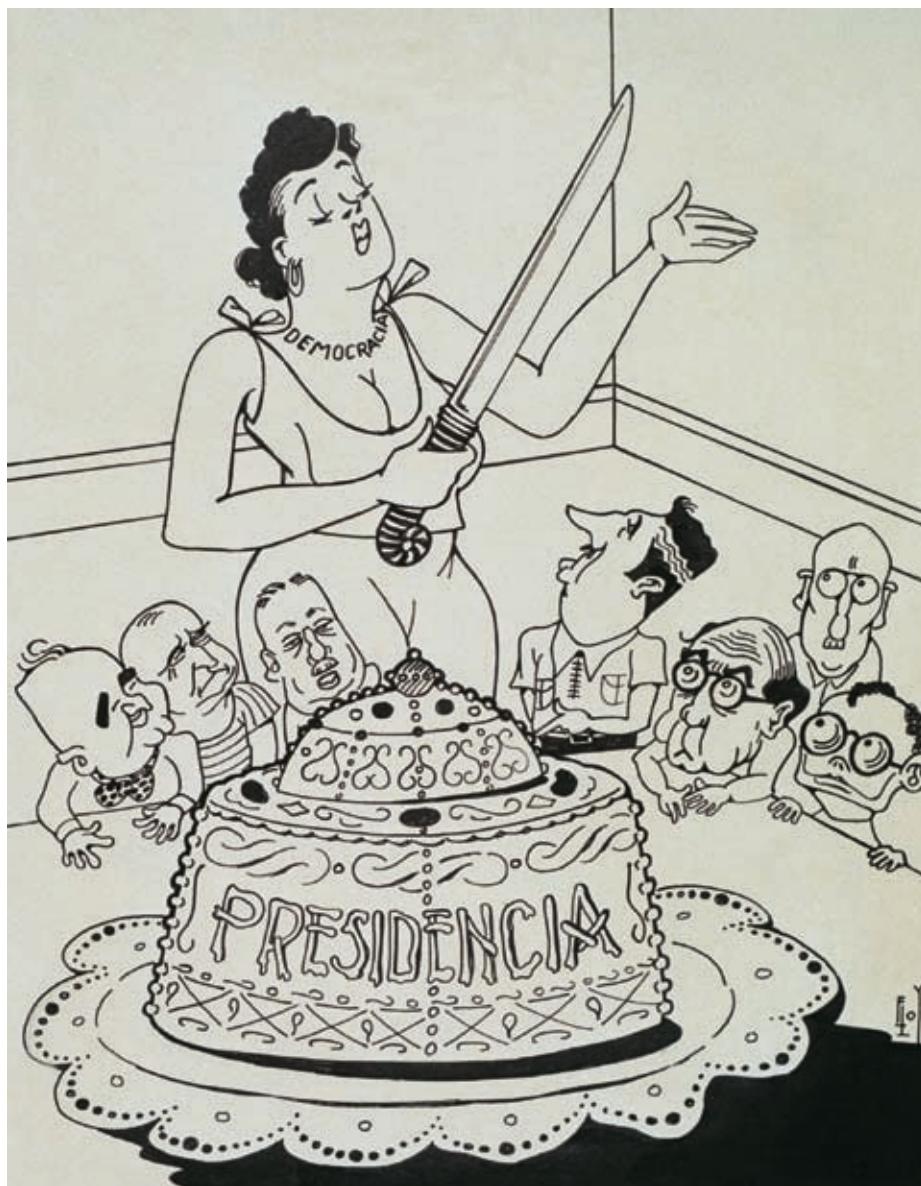
Caldeirão em que se encontravam os políticos envolvidos com a sucessão presidencial. De fora, observando, Ademar de Barros (segurando a lança), interventor de São Paulo durante o Estado Novo; Getúlio Vargas, com a colher na mão e, ao fundo, José Américo de Almeida.



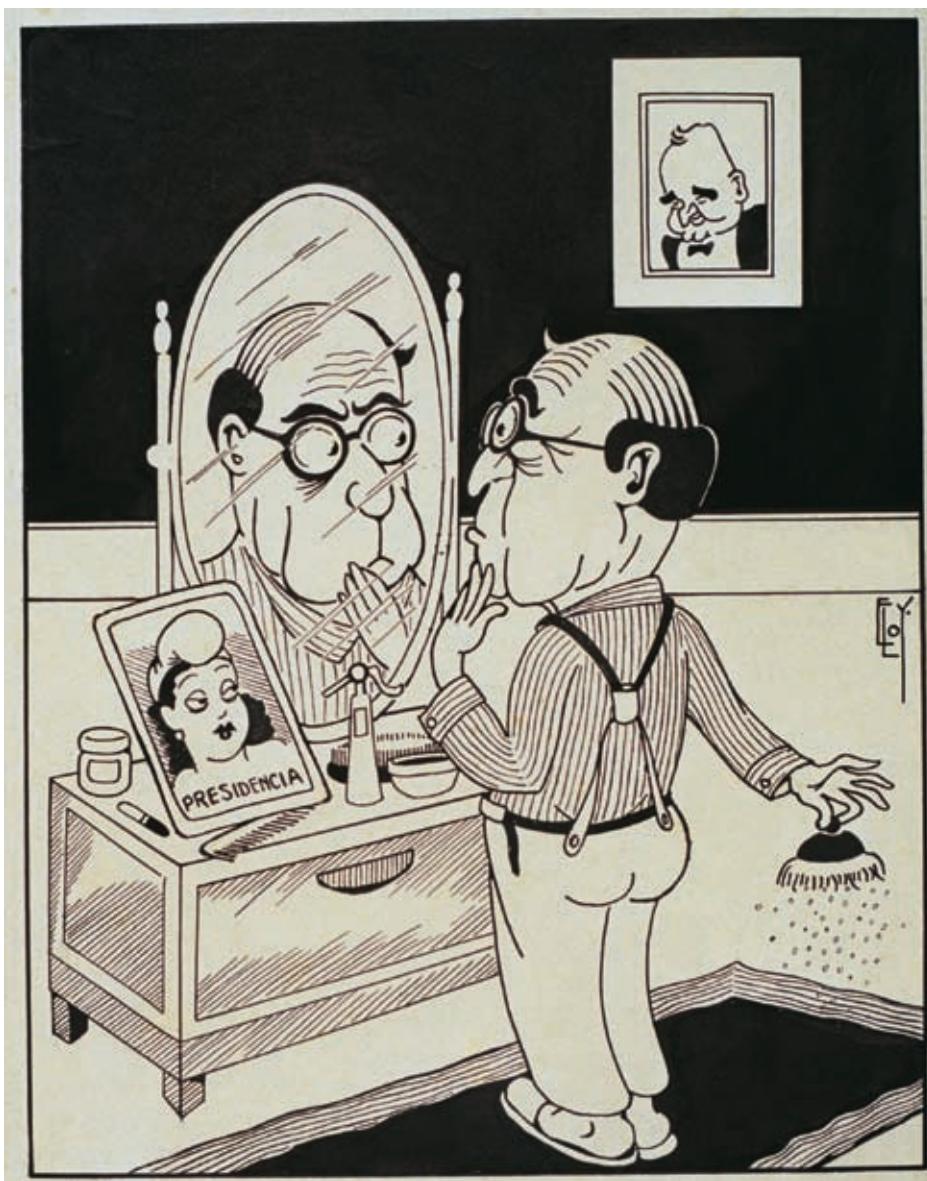
Sátira à sucessão presidencial. Enquanto os candidatos “pegam uma carona” rumo à sucessão, e vêem seus planos interrompidos, Vargas escolhe outro caminho, “correndo por fora”, para governar o Brasil: a ditadura do Estado Novo.



No jogo da presidência aparecem: Ademar de Barros, no gol; chutando a bola, Eurico Gaspar Dutra. Observando a cena, Getúlio Vargas.



A Democracia, representada pela figura feminina prestes a repartir a presidência do Brasil entre os candidatos. Da esquerda para direita, Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra. Após a Democracia, Ademar de Barros, e por último, José Américo.



Provável candidato à sucessão se preparando para cortejar a presidência representada pelo retrato sobre a penteadeira. Ao fundo, aparece Vargas.



Conduzindo o cordão carnavalesco, Manoel Ribas, interventor do Paraná.
De cartola e capa, Laertes Munhoz. Após Laertes, Roberto Barroso, seguido
de Lothário Meissner. Por último, Chico Fumaça, Totó e Marcolina.





Enquanto a Democracia procura cuidar do povo que agoniza, a Comissão de preços, simbolizada pela enfermeira, se enfeita com jóias. Note-se a superioridade e opressão da Comissão sobre a Democracia, retratada em tamanho menor e destituída de ornamentos. Na parede, ao fundo, a figura de Dutra, presidente da República entre 1946 e 1951.



Hitler e os dirigentes do regime nazista: Goebbels, Goering, Himmler.
Adiante o imperador do Japão, Hiroito, e Mussolini, chefe da Itália.
Por último Chico Fumaça, o cachorrinho Totó e Marcolina.



Marte, o deus da guerra romano; Hitler; Mussolini; Hiroito; figura
feminina representando a "Paz"; Dona Marcolina, Chico Fumaça e Totó.



Charge alusiva ao carnaval, em que aparecem líderes políticos envolvidos na Segunda Guerra: Chamberlain, primeiro-ministro da Grã-Bretanha; Roosevelt, presidente dos Estados Unidos durante o conflito mundial; Mussolini; Hitler segurando uma criança que simboliza a República Tcheca, que teve parte de seu território cedido para a Alemanha, em 1938; Daladier, primeiro-ministro francês; Totó, Chico Fumaça e Marcolina.



Fontes e Referências

A sociedade em destaque

BALHANA, Carlos. *Combate ao clericalismo no Paraná*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1980.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1981, v.3.

BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. *As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)*. 170 p. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. 1996. 89 p. Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BÓIA, Wilson. Alceu Chichorro. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1998, 184 p.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. Chichorro e seus Calungas. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 2, n. 12, jun. 1975.

A BOMBA. Curitiba, v.1, n.12 jun. 1913 - v.1, n.20/21, dez. 1913.

CHICHORRO, Alceu; FREITAS NETO, João Dedeus. Cachorro não, Chichorro! *Cadernos do MIS*. Curitiba : Museu da Imagem e do Som, n.3, p.1-32, fev. 1989.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORREIO DOS FERROVIÁRIOS. Curitiba, n.2, nov. 1933 – n.471, fev./mar. 1974.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 18 jul. 1908, p.2.

_____. Curitiba, 20 jul. 1908, p.2.

_____. Curitiba, 23 jun. 1913.

_____. Curitiba, 9 set. 1913.

GANZ, Ana; GANZ, Ângela Lúcia. A “questão do leite” em Curitiba: o saber preventivo e a resistência cotidiana. Projeto: O viver em uma sociedade urbana – Curitiba 1890-1920. **Boletim do Departamento de História**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1989.

GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. In: SCHWARCZ, Lília Moritz & Novais, Fernando A. (Org.) São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.4, p. 536-537.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma; a modernidade na selva**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

O JAZZ. Curitiba: Tipografia Moderna, v.1, n.2 jul. 1926-v.1, n.4, out. 1926.

LIEBEL, Vinícius. **As charges e a influência do humor durante a Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: <www.anpuhpr.uepg.br/regional/anais-ixeranpuhpr-sumário.pdf>. Acesso em 22 nov. 2007.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. **Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba, 1896-1912**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1990.

O OLHO DA RUA. Curitiba, v.1, n.1, abr. 1907 – n.56, jul. 1909.

PARANÁ, Elvira Faria. **Álbum feminino: a mulher. Olho da rua**, Curitiba, 1911.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Olho da Rua: o humor visual em Curitiba (1907-1911)**. 1996. Dissertação – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Traços urbanos: a caricatura em Curitiba no início do século XX**. 1996. 179 p. Tese – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

A REPÚBLICA. Curitiba, 25 fev. 1908.

_____. Curitiba, 23 jun. 1913.

SABÓIA, América da Costa. **Curitiba de minha saudade: 1904-1914**. Curitiba: Lítero Técnica, 1978.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3.

SCHUSTER, Zair Lorival Luiz. **Sanepar ano 30: resgate da memória do saneamento básico no Paraná**. Curitiba: Sanepar, 1994. 229 p.

SÊGA, Rafael Augustus. **Melhoramentos da Capital: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do Prefeito Cândido de Abreu**. 1996. 110 p. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

SUSSEKIND, Flora. **O cinematógrafo de letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SZESZ, Christiane Marques. **A invenção no Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas – 1889-1920**. 1997. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

TRINDADE, Etelvina Maria Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996. (Farol do Saber).

_____. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná da virada do século. **História: questões & debates**. Curitiba: Ed. da UFPR, n. 30, 1999, p.62.

_____. **Paranidade ou Paranismo? A construção de uma identidade regional**. **Revista da SBPH**. Curitiba, n.13, 1997.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 10 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.